



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CLÉBIA VALÊSCA GONÇALVES SOARES

**“GLORIOSA MEMÓRIA DE QUEM TRIUNFOU”: FESTEJOS E
NARRATIVAS MONUMENTAIS DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR
NO SERTÃO DA PARAÍBA (TRIUNFO, 2004 A 2015).**

CAJAZEIRAS - PB

2016

CLÉBIA VALÊSCA GONÇALVES SOARES

**“GLORIOSA MEMÓRIA DE QUEM TRIUNFOU”: FESTEJOS E
NARRATIVAS MONUMENTAIS DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR
NO SERTÃO DA PARAÍBA (TRIUNFO, 2004 A 2015).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores – Campus de Cajazeiras – PB, para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Rita Uhle

CAJAZEIRAS - PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S676g Soares, Clébia Valêsa Gonçalves.
“Gloriosa memória de quem triunfou”: festejos e narrativas monumentais da Confederação do Equador no sertão da Paraíba (Triunfo, 2004 a 2015) / Clébia Valêsa Gonçalves Soares.- Cajazeiras, 2016.
102p.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Uhle.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. História - Triunfo - Paraíba. 2. Confederação do Equador. 3. Morticínio de picadas. 4. Batalha dos confederados. I. Uhle, Ana Rita. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 94(813.3)

CLÉBIA VALÊSCA GONÇALVES SOARES

**“GLORIOSA MEMÓRIA DE QUEM TRIUNFOU”: FESTEJOS E
NARRATIVAS MONUMENTAIS DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR
NO SERTÃO DA PARAÍBA (TRIUNFO, 2004 A 2015).**

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Rita Uhle

Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Mariana Moreira Neto

Examinadora

Prof. Dr. Rodrigo Ovruski de Ceballos

Examinador

CAJAZEIRAS - PB

2016

DEDICATÓRIA

A minha família. A minha mãe, minhas irmãs, meu irmão, meus sobrinhos e especialmente a memória do meu pai, homem simples e de muitas histórias. A ele que não teve tempo de compartilhar comigo todas as alegrias e angustias que essa jornada me proporcionou.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado coragem, paciência e determinação para chegar ao fim.

A minha orientadora Ana Rita Uhle, por toda paciência e dedicação que teve comigo, e principalmente por ter sido persistente e não me abandonar mesmo quando sumia de sua vida.

Aos professores Rodrigo Ovruski de Ceballos e Mariana Moreira Neto, por aceitar o convite para compor a banca de defesa desse trabalho.

Ao professor Francisco Firmino Sales Neto por aceitar o convite para ser suplente da banca de defesa desse trabalho.

A minha família que tanto me ajudou e suportou os meus estresses.

A minha mãe Adalgisa, por todo amor e cuidado que sempre me dedicou e por suas incessáveis orações.

As minhas irmãs corujas Cláudia, Claudiana e Clênia que tudo fizeram para me ajudar.

Aos Antonios da minha vida, meu irmão Lavosier Antonio, meus sobrinhos Antonio Cleber e Antônio Bernardo e meu cunhado Antônio Welinton.

A minha primeira Professora Maria Aparecida Dantas, por tudo que representa na minha vida.

A todos os professores com quem tive a honra de aprender para além da formação escolar e acadêmica.

Ao professor José Antônio de Albuquerque, Antônio Aurélio, Marcondes e Vandervam, por todos os materiais e informações muito bem vindas.

Aos meus entrevistados Damísio Mangueira e Deusdedit Seixas, que muito contribuíram para a realização desse trabalho.

Ao Pe. José de Andrade, pela prontidão em atender os meus pedidos e pelo apoio que sempre demonstrou a minha pesquisa.

As minhas queridas, super amigas, irmãs de alma Jocilene e Daniela.

A minha vó Maria, pela capacidade de me fazer sorrir sempre.

As minhas fã, primas loucas e companheiras Cássya e Kyara e seus respectivos esposos, Epifânio e Danilo.

As minhas madrinhas, Aucimar, Dainha e Francisca, por todo o carinho que a mim dedicam.

A meus tios e tias por todo carinho e cuidado.

Aos meus primos e primas pelo companheirismo de sempre.

A quem conseguiu tornar os meus dias mais risonhos, mesmo diante do desespero e da insensatez de que fui acometida em alguns desses dias.

A todas as pessoas, próximas ou distantes, que torceram por mim e contribuíram para a realização deste trabalho.

A todas as pessoas maravilhosas que passaram pela minha vida e tiveram que partir antes de compartilhar comigo alegria dessa conquista.

RESUMO

SOARES, Clébia Valêscia Gonçalves. “Gloriosa memória de quem triunfou”: festejos e narrativas monumentais da Confederação do Equador no sertão da Paraíba (Triunfo, 2004 a 2015). 102fs. Monografia Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – Cajazeiras – PB, 2016.

Emergente na cidade de Triunfo, Paraíba, em 2004, a história e memória da Confederação do Equador se desenvolve rapidamente e alcança proporções grandiosas, consegue forças e ganha adesão em muito pouco tempo. É instituída uma narrativa celebrativa baseada na afirmação de que Triunfo teria sido cenário de uma das batalhas dos confederados, denominada de “Morticínio de Picadas” e, por isso, deveria fazer jus a essa memória a partir da edificação de um memorial e de um conjunto de ritos. A presente pesquisa pretende compreender o processo de elaboração da memória a partir da construção desses símbolos, que seguem um protocolo republicano. Para essa finalidade será apresentada a historiografia da Confederação do Equador, além de uma análise biográfica do idealizador do projeto e de um estudo detalhado dos símbolos que corroboram essa narrativa.

Palavras chave: História, Memória, Confederação do Equador, Triunfo.

ABSTRACT

SOARES, Clébia valesca Gonçalves. "Glorious memory of those who triumphed": festivities and monumental narrative of the Confederation of the Equator in the backlands of Paraíba (Triunfo, 2004-2015). 102fs. Monograph of History Course at the Federal University of Campina Grande – Cajazeiras – PB, 2016.

Emergent in the city of Triunfo, Paraíba, in 2004, the history and memory of Confederation Equator if develops quickly and reach grandiose proportions, get strength and adhesion in little time. Is established a celebrative narrative based on the assertion that Triunfo It would have been the scene of one of battles confederates, named "Morticínio of Picadas" and, therefore, should be entitled to this memory through of the edification of a memorial and rites. This work intends understand the process of elaboration of memory through the construction of this symbols, which follow a republican protocol. For this purpose it will be presented this Confederation historiography, as well as a biographical analysis of the creator of project and a detailed study of this narrative symbols.

Key Words: History, Memory, Confederation of Equator, Triunfo.

Brasileiros! Pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas; o momento é este, salvemos a honra, a pátria e a liberdade, soltando um grito festivo – Viva a Confederação do Equador!

Pedro Jaime de Alencar Araripe (MANIFESTO DE PROCLAMAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Gravura do Morticínio de Picadas, Deusdedit Seixas. Acervo pessoal do artista.	14
Figura 2: Capa e contracapa do Cordel “... A HISTÓRIA DE TRIUNFO-PB... Contada em Verso”.	35
Figura 3: Esboço do Memorial Triunfo. Revista Triunfo em Foco, 2004.	36
Figura 4: Esboço do Memorial Triunfo. Revista Triunfo em Foco, 2004.	36
Figura 5: Capa da Revista Triunfo em Foco. n. 2, 2005.	37
Figura 6: Capa da revista Oba!. a. 02, 2003.	38
Figura 7: Matéria da Revista Oba!. a. 02, 2003.	38
Figura 8: Capa do livro “Triunfo em Picadas: e o fim da Confederação do Equador”, 2008.	39
Figura 9: Mapa com a localização da cidade de Triunfo. Google imagens.	45
Figura 10: Memorial da Confederação do Equador, 2016. Acervo pessoal.	57
Figura 11: Vista aérea do cento da cidade de Triunfo. Panoramio, Google Mapas, em: 22/04/2016.	59
Figura 12: Imagem de satélite do cento da cidade de Triunfo. Localização privilegiada do Memorial Triunfo. Google Earth, em: 22/04/2016.	60
Figura 13: Primeiro acervo do Museu Iconográfico, 2011. Livro <i>Os Labirintos do Triunfo</i> .	63
Figura 14: Detalhe interior do Museu Iconográfico, 2015. Acervo pessoal.	65
Figura 15: Detalhe interior do Museu Iconográfico, 2015. Acervo pessoal.	66
Figura 16: Detalhe interior do Museu Iconográfico, 2015. Acervo pessoal.	67
Figura 17: Espada pertencente a José Dantas Rothéa. Museu Iconográfico do <i>Memorial da Confederação do Equador</i> , 2015. Acervo pessoal.	68

Figura 18: Placa que explica a origem da espada do Museu Iconográfico do <i>Memorial da Confederação do Equador</i> , 2015. Acervo pessoal.	69
Figura 19: Arco do <i>Memorial da Confederação do Equador</i> , 2015. Acervo pessoal.	70
Figura 20: Detalhe das espadas no arco do <i>Memorial da Confederação do Equador</i> , 2015. Acervo pessoal.	71
Figura 21: Estátua de Frei Caneca, <i>Memorial da Confederação do Equador</i> , 2015. Acervo pessoal.	72
Figura 22: Análise da expressão de Frei Caneca nas imagens presentes nas placas do Museu e na Estátua do <i>Memorial da Confederação do Equador</i> .	73
Figura 23: Gravura do Morticínio de Picadas, Deusdedit Seixas. Acervo pessoal do artista.	75
Figura 24: Detalhe da casa de taipa, o boi no curral e árvore na obra de Deusdedit Seixas.	77
Figura 25: Detalhe dos corpos amontoados no chão e o momento que um confederado é atacado por dois imperialistas.	77
Figura 26: Análise da postura que o imperialista montado no cavalo assume na obra “Morticínio de Picadas”, de Deusdedit Seixas (2004) comparado a Dom Pedro I nas obras a “Independência ou Morte”, de Pedro Américo (1886-1888) e “Proclamação da Independência”, de François-René Moreaux (1844).	78
Figura 27: Conclusão da parte inferior do palco onde está a imagem em alto relevo do Morticínio de Picadas. Ano 2004. Acervo pessoal de Deusdedit Seixas.	79
Figura 28: Detalhe da imagem em alto relevo do Morticínio de Picadas. Ano 2004. Acervo pessoal de Deusdedit Seixas.	79
Figura 29: Parte inferior do palco onde está a imagem em alto relevo do Morticínio de Picadas, 2016. Acervo pessoal.	80
Figura 30: Inauguração do Memorial Triunfo. Revista Triunfo em Foco, 2005.	81
Figura 31: Primeiro desfile cívico da Confederação do Equador de 17 de outubro. Revista Triunfo em Foco, 2006.	84
Figura 32: Primeiro desfile cívico da Confederação do Equador de 17 de outubro. Revista Triunfo em Foco, 2006.	84
Figura 33: Trecho da Lei Nº 417/2005 que institui a obrigatoriedade da execução do hino municipal.	85
Figura 34: Primeira bandeira do município. Acervo pessoal.	88
Figura 35: Atual bandeira do município. Acervo pessoal.	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IAHGP – Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ibram – Instituto Brasileiro de Museus

IHGACE – Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IHGP – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

OAB – Ordem dos Advogados Brasileiros

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSD – Partido Social Democrata

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

URCA – Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: A HISTORIOGRAFIA DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR	23
1.1 O lugar da Confederação do Equador na história do Brasil	24
1.2 A historiografia paraibana de 1824 e o episódio da confederação do Equador	29
1.3 Escrevendo a história: A Confederação do Equador na historiografia local	31
CAPÍTULO 2: O MORTÍCINIO DE PICADAS: A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DOS CONFEDERADOS	44
2.1 Triunfo e o projeto de celebração da memória da Confederação em Triunfo	44
2.2 O discurso os dos símbolos acionados para legitimar a comemoração	50
CAPÍTULO 3: O TRIUNFO DA MEMÓRIA	57
3.1 O Memorial	59
3.2 Cultura Imaterial: Festa cívica	80
3.3 O Hino, a Bandeira e a consolidação do ritual	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES	97
ANEXOS	101

INTRODUÇÃO



Figura 1: Deusedit Seixas. Morticínio de Picadas. Gravura, ano 2004. Acervo pessoal do artista.

As cidades são repletas de historicidade. Discursos, monumentos, culturas, grupos e espaços sociais distintos compõem suas tramas históricas. De acordo com Gilberto Velho (2002, p.39) “não é possível esgotar todos os temas e assuntos que vêm sendo investigados nessa área no Brasil”. E mesmo tendo muitos escritos sobre essa temática ela só passou a ser objeto de pesquisa dos historiadores há um curto recuo no tempo e “estudos de boa qualidade foram feitos no Brasil ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, na linha de uma história econômico-social com inspiração no materialismo histórico” (PESAVENTO, 2007, p.12).

As cidades tornam-se lugares de onde nascem as imagens e os discursos que a representam e são condutoras de significado e de memória, de onde nascem os patrimônios e o cuidado em mantê-los preservados, reinventando o passado e construindo um futuro, figurando “a evolução cronológica dos governos municipais com seus momentos marcantes e suas realizações fundamentais”. E desse modo convertem-se em lugares de destaque em busca de uma modernidade que a tornam turísticas, rentáveis, sustentáveis (PESAVENTO, 2007).

Diante dessa conjuntura o presente trabalho propõe realizar um estudo sobre a história e a memória da Confederação do Equador na cidade paraibana de Triunfo, que se faz presente por meio de símbolos e de uma narrativa construída para comemorar tal episódio da história do Brasil, que passa a ser elaborada a partir de 2004, quase dois séculos após o evento. Os símbolos que compõem esse processo de comemoração são especificamente o Memorial Triunfo, conhecida também como Praça do Memorial, que possui a ilustração do artista plástico Deusdedit Seixas, esculpida em alto relevo em placas de cimento e ocupa a parte inferior do palco, um museu iconográfico, que contém um resumo da história da confederação exposto em placas de vidro e uma espada símbolo da batalha, o memorial possui ainda uma escultura de Frei Caneca, o mais conhecido mártir do movimento, o feriado municipal de 17 de outubro, o hino e a bandeira do município também integram esse conjunto simbólico. Alguns livros e revistas, que abordam especificamente essa temática ou mesmo que fazem menção tanto a história quanto a construção dos símbolos serão também analisados.

A construção de uma memória coletiva reforçada pela criação de símbolos que passem a destacar mais valor histórico à cidade parte, de certo modo, da concepção de que “a história e, mais precisamente, aquela do desenvolvimento nacional, constitui a mais forte de nossas tradições coletivas; nosso meio de memória por excelência” (NORA, 1984, p. 10). Damísio Mangueira, idealizador das comemorações sobre a Confederação em Triunfo justifica o investimento na elaboração e celebração da memória local dizendo que “(...) o município fica revestido de alma. Você passa a ter sentido, você vive num lugar onde tem sentido a história, aonde você sabe o nascedouro, quando você sabe como surgiu e a cidade passa a ter uma maior importância no cenário externo (...)” (Entrevista)¹. Diante dessa conjuntura procuramos compreender as tramas que tornam esse evento marcante, digno de reconhecimento e destaque para a história local.

Contudo, para que se compreenda o que ocorre na cidade de Triunfo é preciso antes ter conhecimento que a Confederação do Equador foi um movimento político revolucionário contra o Império do Brasil, no ano de 1824, que teve início em Recife e se difundiu pelas províncias do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Alagoas. Alagoas e Piauí, contudo tiveram menor participação no movimento e são pouco citados pelos autores que abordam essa temática. De caráter separatista e republicano o movimento surge da insatisfação decorrente de duas causas: os ideais monárquicos de D. Pedro I presentes na Constituição de

¹ SILVA, Damísio Mangueira. Entrevista. [ago. 2016]. Entrevistador: Clébia Valêscia Gonçalves Soares. Triunfo, 2016. 3 arquivos .mp3 (39 min.), p. 11.

1824 e a permanência da influência portuguesa na vida política do Brasil, mesmo após a independência. Tinha como objetivos convocar uma nova assembleia constituinte para elaboração de uma nova constituição liberal, acabar com o tráfico de escravos, pôr fim à interferência portuguesa nos negócios públicos do Brasil, diminuir a influência do governo federal dos assuntos regionais, criar um Estado Confederado no Nordeste do Brasil².

Mais longa que a Revolução Pernambucana de 1817 a Confederação do Equador não foi além de 18 de outubro. Proclamada em Recife por Manoel de Carvalho a 02 de julho³. Tinha antecedentes em 1817, já em abril de 1824 começam os descontentamentos dos cearenses após a dissolução da primeira assembleia constituinte nacional, e criação de uma nova constituinte “que não satisfazia as aspirações e os desejos da Nação” (STUDART, 1924, p. 613), ferindo assim a soberania nacional. A revolução não ganhou adesão das províncias do Sul, mesmo não sendo de fins apenas regionais, e isso colaborou para que o Imperador pudesse reprimir o movimento com maior facilidade. De acordo com Ibiapina (1926, p. 89)

A repressão do governo foi tão cruel, o numero de victimas que tombaram ás mãos dos carrascos das celebres commissões militares foi tão elevado, os actos de selvageria praticados pelas forças legalistas assumiram proporções tão aterrorizadoras, impressionaram tão profundamente as infelizes populações nordestinas, a secca ‘castigo do céu’, que conincidiu com a derrota dos conspiradores, deixou tão abatido o espirito do povo que, dahi pra cá, nunca mais se agitou outro movimento civico de valor. Creou-se na alma popular um tal pavor das autoridades governamentaes, que nunca mais aquellas mentes atordoadas pelo rigor dos castigos, experimentadas se deixaram embalar em novos sonhos.

“Por decreto de 5 de outubro ficava extensiva ao Ceará a Comissão Militar destinada a julgar sumariamente as pessoas implicadas na Republica do Equador” (STUDART, 1924, p. 617), com isso os líderes, ou heróis, do movimento passaram a serem perseguidos e aos poucos foram presos e mortos sem deixar “herdeiros de seu inimitavel civismo” (IBIAPINA, 1926, p. 89)

Durante a Confederação do Equador ocorreram vários encontros entre as tropas imperialistas e revolucionárias, “sobretudo no Rio do Peixe e em Missão Velha” (STUDART, 1924, p. 617) desse modo foram travadas algumas batalhas, como é o caso da batalha que é

² IBIAPINA, 1926; MARIANO, 2005.

³ STUDART, Barão de. **O Movimento Republicano de 1824 no Ceará**. In: REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Tomo especial, 1º Centenário da Confederação do Equador, Fortaleza, 1924. p. 613-618.

denominada como “Morticínio de Picada”⁴. De acordo com o Barão de Studart⁵ Frei Caneca descreve em seu itinerário a “Hecatombe de Picada” da seguinte maneira:

Ao entrar em um lugar chamado *Foazeiro*, ou por outro nome *Cajus Novos*, encontramos o campo, casa e curral cheios de cadáveres que se avaliaram em cento e cinquenta: e soubemos que tinha sido da guarda avançada de Filgueiras, comandada pelo capitão *Maxi*, homem de grande coragem, porém sofrego e imprudente que não querendo esperar que se anunciasse a sua gente, por julga talvez que o inimigo fugisse dele só pelo seu corajoso aspecto, e não por temer as armas, adeantou-se levando unicamente cada soldado três cartuchos embalados, mas aconteceu que ao chegar aquella fazenda, entrerando-se os soldados a dar saque na casa, os inimigos que estavam de emboscada, sahindo rapidamente por todos os lados, cercaram-os e como presentissem que lhes tinha acabado o cartuchame, carregaram sobre eles com todas as forças, e foram-os matando até a baioneta.

A tropa do animoso Maxi resistiu o quanto lhe foi possível e também derrotou a muitos dos inimigos, porém succumbiu á grande força, e morreu quasi toda, rscapando bem poucos.

Tal nos contaram a história desta lamentavel catastrophe (STUDART, 1924, p. 156-157).

Essa batalha é o marco de onde se constrói a história e comemora a memória. Em 2004 a população da cidade toma conhecimento de que o “Morticínio de Picadas” havia ocorrido em solo triunfense⁶ e no mesmo ano se inicia uma sequência de acontecimentos que passam a mudar tanto o cenário como a história da cidade, e essa por sua vez começa a ser reconstruída e recontada tendo como evento inicial a Confederação do Equador. A origem do nome da cidade, por exemplo, passa a ser questionada com a emergência dessa nova história e o próprio idealizador do projeto Damísio Mangueira coloca essa situação ao afirmar que no início das pesquisas, quando a história começa a vir à tona

(...) existia a dúvida na época se o nome de Triunfo era originário, como diz o livro de Rosilda, em homenagem ao movimento, né, ao processo de... vamos dizer assim, de debelar o movimento revolucionário que o governo imperialista considerou que tinha sido uma vitória, um triunfo, e deram ao local o nome de Triunfo isso que diz o livro, então existia essa dúvida, né, se

⁴ Alguns são os autores e historiadores que denominam a batalha como “Morticínio de picadas”, porém é Rosilda Cartaxo com seu livro *Estrada das Boiadas* que o torna popular na região.

⁵ STUDART, Barão de. **Parte Chronologica**. In: REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Tomo especial, 1º Centenário da Confederação do Equador, Fortaleza, 1924. p. 142-188.

⁶ A cidade nessa época se chamava Fazenda Picada, pertencente a Antenor Navarro, hoje São João do Rio do Peixe.

o nome do município estava ligado a isso, se era a questão do fato do milagre do Menino Deus⁷ (Entrevista)⁸.

Essa nova história surge assistida de alguns aparatos que lhe atribuem veracidade e a oficializam, como por exemplo, o levantamento bibliográfico de textos que trataram de escrever sobre a Confederação do Equador e se preocuparam em relatar a batalha, acompanhados do resgate do relato oral de alguns moradores mais antigos da cidade, que vem a luz após pesquisas realizadas para o desenvolvimento do projeto. Contudo são travados diversos debates acerca dessa veracidade⁹, da imensidão de símbolos que se constroem na cidade e também da rapidez com que o projeto se desenvolve e é finalizado. Segundo Damísio Mangueira, das pesquisas até a conclusão do projeto levaram apenas quatro anos. Lucia Lippi (1999, p.173) fala que “(...), ao se iniciar um momento novo, precisa-se evocar um tempo remoto. Lá estariam as raízes, o sentido verdadeiro do homem e da sociedade. Esta ubiquidade das revoluções, marcadas por ter um pé no futuro e outro no passado, tem se delineado de diferentes maneiras”. A autora se refere ao contexto das festas da República, mas fica claro que esse é um protocolo recorrente ainda nos dias atuais. Podemos observar que havia passado quase dois séculos desde o “Morticínio de Picadas” até o projeto da Confederação do Equador, contudo, quando este se inicia é como se essa batalha sempre estivesse presente na história da cidade. A narrativa aparece muito coerente e bem projetada, os símbolos da cidade são todos transformados e ganham a versão oficial a partir da batalha, como veremos mais adiante.

Aos poucos o cenário da cidade estava mudando, uma praça se erguia no centro da cidade, com seus numerosos detalhes, posteriormente a realização da festa, com todo aquele ritual cívico, marcando a inauguração da obra e o início de uma longa história. Aquela data não seria jamais esquecida porque logo passaria a ser feriado municipal, e ao longo dos anos fez-se questão de rememorar o episódio, em seguida o município ganha um hino que tem uma estrofe alusiva à Confederação do Equador. Por fim, quando tudo parecia concluído, ocorre ainda a mudança na bandeira, que recebe mais alguns elementos em seu desenho, entre eles duas espadas e os muros de uma fortaleza.

⁷ O sertão sofria com uma terrível epidemia de cólera que teve a ponto de dizimar quase toda a população, por volta da segunda metade dos anos de 1800, sem mais saída só restavam aos sertanejos à fé como último recurso, e segundo a versão oficial da história que se tinha, o Caboclo Manoel Bernardo rogou ao Menino Deus para que a peste não houvesse de acometer a “Fazenda Picadas” prometendo construir uma capela em sua homenagem caso fosse atendido. Sendo atendido, a capela teria sido erguida e posteriormente o lugar ganharia o nome de Triunfo, pelo triunfo dos sertanejos sobre a epidemia.

⁸ Ibid., 2016, p.08.

⁹ Ainda hoje se discute muito sobre a veracidade dos fatos, dentro e fora da cidade.

Diante de todo esse processo ficava a me perguntar: como uma descoberta tão recente pudera ganhar dimensões tão grandiosas em tão pouco tempo? A princípio acreditava ser esse um processo inédito, conceito desconstruído ao longo da pesquisa na medida em que me aprofundava nos referenciais teóricos. Me inquietava cada símbolo que remetia à Confederação do Equador. Como e por que estavam ali? E essa foi sem dúvida à problemática que me impulsionou a realização desse trabalho. Precisava como pesquisadora e como triunfense encontrar as respostas para as minhas perguntas.

Dessa forma surgia o interesse em pesquisar sobre a Confederação do Equador, ou melhor, entender como Triunfo construía a memória desse movimento, e a princípio descobrir a veracidade do fato era o que me impulsionava, mas logo percebi que esse não deveria ser o foco da pesquisa. O que realmente interessava era entender como se dava o processo de construção da memória e qual o papel que a simbologia assumia. A partir daí é que o trabalho começa a tomar caminhos mais sólidos, o primeiro de todos os atos deveria ser realizar um levantamento bibliográfico da revolução, em seguida começar a observar o momento que ele passa a ter relação com a cidade, então surgem algumas perguntas: De quem era o projeto da Confederação do Equador? Qual o interesse de desenvolver um projeto dessa magnitude? E como o projeto se concretiza? Na busca por explicações me deparei com a figura de Damísio Mangueira, o idealizador do projeto, como já foi dito anteriormente, mas essa informação não dava conta de sanar todos os questionamentos, por vezes surgiram mais, e foi então que percebi a necessidade de entrevistá-lo e realizar uma análise biográfica do mesmo, pois só assim seria possível compreender as condições que tornava ele capaz de empreender tal ação. Por fim era preciso conhecer, e mais que isso indagar, os monumentos e os documentos que a construção de memória tornava capaz de conceber, nessa altura descobri outro personagem que me ajudaria nesse processo, o artista plástico Deusdedit Seixas, e era indispensável realizar uma entrevista com ele também para que pudesse compreender como o mesmo havia construído a imagem que é símbolo da Confederação do Equador na cidade, ao observar a imagem ficava clara a presença de alguns detalhes muito específicos a cidade associados a outros comuns em muitas imagens de batalhas conhecidas pela historiografia. A princípio a execução dessa pesquisa tornava-se muito difícil, principalmente pela escassez das fontes, entretanto com um pouco mais de esforço e determinação, ela fez-se possível e encerrou-se com bons resultados e a possibilidade de pesquisas posteriores e mais aprofundadas.

Durante todo o processo de produção deste trabalho estarei dialogando com autores que trabalham com o conceito de história, memória, patrimônio, documento e monumento já

que busco investigar a construção da memória a partir do patrimônio existente na cidade, que é ao mesmo tempo documento e monumento, passando a ser essenciais e ganhando destaque no processo de historicização da Confederação do Equador na cidade. Para Maurice Halbwachs (2006) memória e história possuem sentidos diferentes por pelo menos dois aspectos: memória é um pensamento ininterrupto e natural que se mantém a medida que o grupo que a possui sobrevive, podendo também ser inúmeras memórias; já história é única e fragmentada, mas que se renova de um período para outro. Halbwachs nos fala ainda da construção de uma memória coletiva, de modo que um acontecimento que não se presencia, só ouve-se falar, é, antes de tudo, uma construção da memória, não a memória em si, já que memória é ao mesmo tempo a ação de lembrar e esquecer, é coletiva por ser apresentada como um evento marcante na vida da comunidade.

Nesse contexto a Confederação do Equador na cidade de Triunfo é antes de tudo a construção de uma memória coletiva, pois foi um acontecimento que interferiu diretamente na vida daqueles que o presenciaram, mas na construção de uma narrativa deixa traços também na vida de um grupo, de uma sociedade remetendo diretamente uma coletividade, porém não pode ser lembrada, tornando-se um lugar de memória, uma memória construída e reeditada com passar do tempo na tentativa de ser imortalizada.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (Pierre Nora, 1984, p. 07)

Pierre Nora já vem nos falar que esse interesse pela memória é inerente a nossa época, particular ao momento histórico que vivemos. Nos preocupamos em guardar a memória porque ela já não existe mais, o que existe são lugares de memória. História e memória assumem papéis completamente distintos para Nora, enquanto que a memória é “sempre carregada por grupos vivos” e está sujeita tanto a lembrança quanto ao esquecimento, história vem ser a “reconstrução” do já vivido, suscetível a lacunas e incertezas. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1984, P. 09).

De acordo com Le Goff, história é a narração, verdadeira ou falsa, das ações realizadas e acontecimentos vividos pelo homem, baseada na realidade dos fatos ou na imaginação

desses. A história não é e não pode ser objetiva à medida que “o saber da história é tanto mais confuso quanto mais seu poder aumenta” (2003, p. 23). Memória se configura como um conjunto de funções psíquicas que permitem ao homem evocar impressões e informações do passado, e vivem sobre a condição ambígua de lembrar e esquecer. Essas memórias podem ser individuais ou coletivas, porém é a memória coletiva que se sobressai no contexto histórico, por seu aspecto de coesão social: “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (2003, p. 422).

Le Goff apresenta ainda a relação entre documento e monumento. Monumento “é um sinal do passado”, tudo que nos faz recordar algo passado, já o documento é a prova desse mesmo passado. “Os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador” (2003, p. 526). Em certo momento o documento torna-se monumento diante do uso que o poder faz do mesmo, ao passo que o que permanece é uma escolha das forças que detém o poder social ou a própria escolha dos historiadores e não aquilo que existiu no passado.

Posto isto, o trabalho foi dividido em três partes, que propõem enfatizar discussões peculiares ao tema, à medida que se inter-relacionam ao longo da pesquisa. No primeiro capítulo será apresentada a historiografia da Confederação do Equador em etapas. Passando pelo lugar da Confederação do Equador dentro da perspectiva da história nacional, ou seja, colocando o que a historiografia brasileira apresenta desse movimento, posteriormente será feita uma abordagem da Confederação do Equador no Nordeste, ressaltando o papel que a Paraíba assume tanto nos relatos da época como nos dias atuais e finalmente chegando as narrativas dentro da cidade, quem e o que procurou se escrever sobre esse evento. A discussão feita nesse capítulo é mais teórica, apresentando uma série de documentos, livros, revistas e trabalhos acadêmicos que escrevem sobre a Confederação do Equador. As buscas por esses documentos foram incessantes, da mesma forma que os mesmos pareciam se ocultar a cada nova procura, talvez porque esse seja o primeiro trabalho a ser realizado sobre esse tema na região, gerando uma maior dificuldade de elaboração, mas por fim uma série significativa de fontes foi encontrada e permitiram um resultado relevante.

O segundo capítulo propõe retratar o momento que a Confederação do Equador passa a fazer parte da história de Triunfo, como se dá a inserção deste evento na histórica da cidade.

Em síntese este capítulo é voltado principalmente à figura de Damísio Manguiera e o grupo que ele articula para a realização do projeto, destacando quando e como ele pensa e desenvolve todo o projeto. É neste capítulo que a entrevista de Damísio Manguiera passa a ser fundamental, suas colocações a respeito do projeto permitem o debate com as demais fontes e os referenciais teóricos em que o trabalho se ampara. Nesse ponto o trabalho ganha uma condição mais prática de pesquisa e produção, deixando de ser apenas uma narração dos fatos. Diferente do primeiro capítulo este se tratou uma construção menos exaustiva em termos de leitura, mas não quanto a sua elaboração. Decerto pelo fato de ter acompanhado de perto todo o processo de construção dos símbolos e conhecer o grupo que elaborou o projeto, era como se partisse da ideia que não precisaria explicar e problematizar essas informações.

O terceiro capítulo é a exposição do que a Confederação do Equador se tornou para Triunfo, é o resultado final do projeto apresentado no capítulo anterior. Neste capítulo serão expostos os símbolos que a memória foi capaz de construir, ou seja, para o projeto ter eficácia era essencial necessário que ele se tornasse cultura e monumento. Dessa forma o Memorial da Confederação do Equador, a festa cívica, aqui tratando tanto do feriado como do desfile, a bandeira e o hino, como símbolos oficiais do município, passam a ser objetos de pesquisa e serão problematizados para além da visão estética, tornando-se documento histórico. Foi para uma análise mais problematizada do Memorial da Confederação do Equador que surgiu a ideia da entrevista com Deusdedit de Abreu Seixas.

Observei que as comemorações da Confederação do Equador em Triunfo seguem um protocolo republicano de celebração da memória, característica da modernidade e explorado com profundidade pela literatura. Dessa forma estarei, no decorrer do trabalho, dialogando com diversos autores que tratam dos símbolos e dos sentimentos que a república produz, dentre eles está José Murilo de Carvalho e Lucia Lippi que fazem uma análise sobre as festas e os símbolos da república brasileira, que de certo modo podem ser comparados com o que se apresenta em Triunfo.

CAPÍTULO I

A HISTORIOGRAFIA DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

*“Foi em mil oito centos
e vinte e quatro o ano
a dezessete de outubro
esta data eu não me engano
que essa história foi passada
e só agora divulgada
esse está sendo meu plano”.*

(...A HISTÓRIA DE TRIUNFO-PB... Contada em Versos)

É notável o cuidado que as sociedades ocidentais modernas tiveram em produzir registros e documentos históricos que conseguem alcançar as próximas gerações. Decerto o texto escrito é o que a princípio denotava maior relevância com relação aos demais registros da história, contudo, uma série de outros registros passaram a ser incorporados no conjunto de documentos (LE GOFF, 2003). Mas essa escrita não ocorre aleatória ou involuntária, ela assume a responsabilidade de fazer sobreviver como memória algo que o tempo, inevitavelmente, leva a esquecer. Halbwachs (2006, p. 101) declarou que “a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade e até mesmo de uma pessoa só desperta quando elas já estão bastante distantes no passado para que ainda se tenha por muito tempo a chance de encontrar em volta diversas testemunhas que conservam algumas lembranças. (...) então o único meio de preservar essas lembranças é fixa-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem”. A escrita fortalece a memória, enquanto que a narrativa oral vai se perdendo a medida que a sociedade que a produz vai ficando para trás e as novas gerações vão se distanciando do produto dessa narrativa. É preciso criar lugares de memória, já que a memória em si não mais existirá, eternizar o que engrandece a história da comunidade. É nesse contexto de imortalizar a

memória que a escrita assume seu papel de guardião e de transmissor da memória, daí surge a necessidade de produzir textos, livros, documentos escritos. Como veremos nesse capítulo com a Confederação do Equador não ocorreu diferente, por ter sido um evento marcante para a história nacional e regional possui uma historiografia nesses dois espaços e a ligação desse acontecimento com a cidade de Triunfo faz com que seja necessário produzir uma historiografia local capaz de celebrar e afirmar essa narrativa. Ao conceber e se exaltar uma memória é necessário que ela faça uso de recursos que a tornem livre do esquecimento, como bem coloca Pierre Nora (1984, p. 13) ao declarar que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Esses aspectos apontados por Nora certamente podem ser identificados em Triunfo.

Verificamos que em Triunfo tornou-se suma importância guardar a memória e fazê-la perpassar os anos sem que fosse refém do esquecimento e a escrita foi um dos meios de torná-la presente mesmo após seu ápice. Posto isso se faz necessária à abordagem da escrita sobre a Confederação do Equador na cidade, destacando como ganha subsídios para existir tanto na história do Nordeste como do Brasil. Concordamos com Lucia Lippi quando ela declara que “diferentes grupos da sociedade constroem suas memórias coletivas a partir das quais é montada e organizada uma memória nacional dominante. Os especialistas – historiadores, publicistas, ideólogos, doutrinadores e educadores – constroem a memória nacional, organizando as comemorações, as festas, definindo heróis que não merecem ser esquecidos” (1999, p. 175). A história do sentimento nacional que é a maior e mais eficiente técnica de coesão e aceitação de uma memória social. Triunfo, portanto, passa a desenvolver uma escrita historiográfica apoiada em um episódio de bastante relevância dentro do campo da historiografia nacional, a Confederação do Equador.

1.1 – O lugar da Confederação do Equador na história do Brasil

A Confederação do Equador se destaca na historiografia nacional, por seu caráter revolucionário, inserido no contexto da História do Brasil Imperial. No geral são muitos os autores que abordam essa temática, dando-lhe os mais diversos enfoques, destacando também seus líderes e mártires, entre eles Frei Caneca, Paes de Andrade e Tristão de Alencar. Vale

salientar ainda o fato de ser um episódio bem conhecido da história do Brasil por se tratar de um conteúdo programático nos livros didáticos de História¹⁰.

Encontramos um número significativo de trabalhos em torno da Confederação do Equador, alguns são clássicos indispensáveis a qualquer estudioso deste tema, como, por exemplo, algumas publicações do IHGB, IHGACE e IAHGP. Nas revistas do IHGB do ano de 1866 e 1924 temos respectivamente o texto de Antonio Pereira Pinto, *A confederação do Equador* e de Manuel Cicero Peregrino da Silva, *Pernambuco e a Confederação do Equador*. O primeiro trata de apresentar, como é meta do instituto de acordo com o próprio texto, a memória dos episódios importantes da história da pátria, uma narrativa dividida em três partes que contém um conjunto de documentos relativos ao episódio. Segundo o próprio autor não se trata de uma abordagem detalhada daquele evento, porém,

Colhendo conscienciosa e circunstanciadamente todas as informações e esclarecimentos acerca de taes episódios, apreciando com discrição seu desenvolvimento e tendencias, e catalogando todos os documentos que lhe são referentes, os escriptores d'essas *Monographias* contribuem em não pequena escala para o grande edifício da *Historia geral do Brasil*¹¹.

O segundo corresponde a uma conferência de Manuel Cicero na sessão solene do centenário da Confederação do Equador e expõe o caso específico de Pernambuco durante o movimento¹². A historiografia contemporânea também tem contribuído de forma importante na produção de trabalhos que se preocupam com a escrita específica da história do Brasil. Nesse contexto ganham maior destaque Ceará e Pernambuco, principalmente se comparados aos outros estados envolvidos no movimento.

Diferente do caso da Paraíba, Ceará e Pernambuco se mostraram mais interessados em escrever sobre a Confederação do Equador como fato relevante para história local. Foram escritos livros que tratavam especificamente da Confederação do Equador, tanto no Ceará, como em Pernambuco. Serioja, por exemplo, menciona o livro de Ulysses Brandão *A Confederação do Equador (1824)*, *Pernambuco 1824: A Confederação do Equador*, de Glacyra Lazzari Leite, e *Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador* de Barbosa Lima Sobrinho que tratam do movimento em Pernambuco. Quanto ao primeiro, a

¹⁰ Neste trabalho não faremos nenhuma discussão com relação à Confederação do Equador nos livros didáticos, essa afirmação possui apenas caráter informativo.

¹¹ PINTO, Antonio Pereira. **A Confederação do Equador**. In. RIHGB. t. 20, v. 33, pt. 2. Rio de Janeiro: IHGB, 1866. p. 36.

¹² SILVA, Manuel Peregrino da. **Pernambuco e a Confederação do Equador**. In. RIHGB. t. 29, v. 150. Rio de Janeiro: IHGB, 1924. p. 372-416.

autora coloca que “traz informações relevantes sobre a Confederação na Paraíba” (2005, p. 54).

Além desses, podemos destacar a *Edição Comemorativa do 1º Centenário da Confederação do Equador* da Revista do IHAGP, publicação do ano de 1924, uma edição toda construída a partir o trabalho de Ulysses Brandão.

Lei N. 1.598

O Congresso Legislativo do Estado de Pernambuco decreta:

(...)

§2.º - Para esse trabalho será aberto um concurso em que os autores dos dois trabalhos escolhidos terão um premio de 5:000\$000 e 2:000\$000, respectivamente, e a sua publicação na Revista do Instituto, constando as demais condições do concurso do respectivo edital. (**Revista do Instituto Histórico Arqueológico Geográfico de Pernambuco**. v. XXVI, 1924, p.05)

O parecer do Instituto declara que:

(...) o dr. Ulysses Brandão se propõe ao premio offerecido por esta sociedade, como candidato único, a comissão abaixo vem desobrigar-se de sua incumbência.

(...)

O dr. Ulysses Brandão estuda, com elevação de vista, tanto chronológica como sociologicamente, o movimento republicano de 1824, desde os antecedentes remotos (...).

O estudo da Confederação do Equador é tão completo quanto possível e a documentação é valiosa. O dr. Brandão não se limita ao movimento republicano de 1824 em Pernambuco. Estuda-o tambem nos Estados até onde chegou a influencia do Genio pernambucano naquela época (**Revista do Instituto Histórico Arqueológico Geográfico de Pernambuco**. v. XXVI, 1924, p.09).

A República dos Afogados: a volta dos liberais após a Confederação do Equador de Marcus J. M. de Carvalho¹³ descreve a situação política de Pernambuco após a confederação do Equador, investigando as eleições de 1829 e “buscando compreender o comportamento político do eleitorado durante um processo de reforma institucional complexo, que acarretaria uma redefinição das alianças políticas entre os potentados locais e os representantes da Coroa na Província” (CARVALHO, 1999, p. 487).

O Ceará, assim como Pernambuco, preocupou-se, ou mesmo preocupa-se ainda hoje, em registrar essa história e muitos são os trabalhos encontrados que abordam esse tema. Livros, artigos, teses, dissertações e publicações do Instituto do Ceará. E certamente o número de trabalhos de historiadores cearenses apresentados aqui será maior porque, embora diversos

¹³Apresentado no XX Simpósio Nacional da ANPUH.

estados tenham participado desse movimento, o Ceará contou com mais envolvidos diretamente e foi “aquela agitação extinta, pronta e eficazmente no nascedouro, pela ação segura do governador da então Capitania do Ceará, Manoel Inácio de Sampaio” (ARARIPE, 2014, p.08), sendo ainda a Confederação do Equador uma “autêntica guerra civil, violenta e cruel, alastrou-se praticamente por todo o Ceará, notadamente na Região do Cariri, altamente conflagrada” (ARARIPE, 2014, p.09) levando o estado a perder um número significativo de militares.

Primeiramente fazemos referência ao *Tomo Especial da Revista do Instituto do Ceará*, edição comemorativa do centenário da Confederação do Equador, 1924. A revista traz descrições pertinentes ao movimento especialmente no Ceará, mas em alguns momentos apresentam dados e conjunturas dos demais estados envolvidos na Confederação. A edição conta com uma série de textos de autores diferentes que se preocupam em mostrar abordagens diversas de um mesmo episódio, como o Barão de Studart, com o maior número de documentos apresentados, e Eusebio de Souza e J. E. Torres Camara, que também ganham as páginas dessa edição. Os escritos do Barão de Studart estão voltados para a apresentação de documentos para estudar a confederação do Equador no Ceará e a parte cronológica do movimento, por outro lado os de J. E. Torres Camara e Eusebio de Souza tratam de explicar a Confederação do Equador e a Confederação do Equador no Ceará, respectivamente.

Na edição de 1926 da Revista Trimestral do IHGC, o texto intitulado *Confederação do Equador*, de Matos Ibiapina, escreve o que foi a Confederação do Equador, colocando como essa nascia nas províncias do Nordeste do Brasil e como era visto governo imperial nas províncias do Sul e do Nordeste.

Quando, depois de dissolver a primeira assembléa constituinte nacional, (...), d. Pedro I solicitou o apoio dos brasileiros a esse seu acto, as províncias do Nordeste, ao contrario das do Sul, manifestaram, em protestos enérgicos, mal disfarçando as suas arraigadas convicções republicanas, que o chefe do executivo havia traído aos compromissos assumidos perante o povo, em quem residia a soberania nacional (IBIAPINA, 1926, p. 84).

Ibiapina ressalva que a Confederação do Equador não representava interesses apenas da região Nordeste, das províncias envolvidas no movimento, mas os seus líderes falavam a todos os brasileiros, justificando esta afirmativa com a seguinte proclamação de Paes de Andrade, de 02 de julho de 1824: “*Brasileiros – Unamo-nos para a salvação nossa; estabeleçamos um governo supremo, verdadeiramente constitucional, que se encarregue de nossa mutua defesa e salvação. Unamo-nos e seremos invencíveis*” (1926, p.88).

Na dissertação *Memórias da política, políticas da memória: o centenário da Confederação Do Equador no Ceará (1924)*, Paulo Giovanni faz um estudo a partir da comemoração do 1º Centenário da Confederação do Equador no Ceará, destacando que a comemoração tem o propósito de levar um determinado grupo ou sociedade rememorar fatos de um passado coletivo. Todavia a comemoração no Ceará buscou incitar uma identidade política reforçada por meio da comemoração. Ele faz também um questionamento com relação aos significados que esse evento possui, mesmo um século depois da efervescência das lutas políticas, aponta os heróis cearenses consagrados na Confederação do Equador, reflete sobre os espaços criados para eternizar essas memórias e, por fim, coloca o lugar que a historiografia assume dentro desse processo.

Janine Pereira em seu trabalho, *O saber e o fazer: República, Federalismo e Separatismo na Confederação do Equador*, realiza um estudo voltado para a construção dos conceitos de república, federalismo e separatismo dentro do movimento da Confederação do Equador que se caracterizam nos discursos de Frei Caneca, Manuel de Carvalho Pais de Andrade e Cipriano Barata mediante análise de obras consagradas dos anos de 1817 e 1822 a 1824.

A URCA (Universidade Regional do Cariri) em parceria com as Edições UFC publicou o livro a *História do Cariri* de José Figueiredo Filho, em 4 volumes, que se comprometem a contar especificidades da história do Cariri. No segundo volume do livro, o autor, entre outras temáticas, apresenta uma narrativa dos movimentos revolucionários vivenciados no cariri cearense, e nesse contexto escreve o nono capítulo do livro voltado especialmente para a Confederação do Equador, fazendo uma abordagem a partir dos seguintes pontos: “Confederação do Equador. Uma revolução cruenta. O papel de Pereira Felgueiras e de Tristão Gonçalves. Heróis e mártires da causa republicana. O desastre de Picada. Propas pernambucanas, com Frei Caneca, rendem-se no Cariri. Felgueiras, a última esperança da malograda confederação” (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 50). O autor faz consideráveis colocações a respeito das demais províncias envolvidas no movimento, de modo particular a província da Paraíba, caracterizando-se pela referência do movimento na região sertaneja do Rio do Peixe, descrevendo ainda de maneira objetiva e clara “o desastre de Picada” ou “Morticínio de Picada”.

O livro *A Confederação do Equador no Ceará para jovens* escrito por Pedro Jaime de Alencar Araripe, inicialmente para seus alunos da Escola Pública Masculina de Quixaramobim, e publicado em 2014 como Edição comemorativa dos 190 anos da Revolução

Republicana de 1824, organizado pelos pesquisadores Guarani Valença de Araripe e Maria Helena Alencar, bisneto e trineta do autor, de leitura acessível e agradável a qualquer idade, trata-se de uma narrativa um pouco romanceada do movimento, mas possui uma riqueza de informações sobre este, “os fatos e os personagens são reais, os momentos são marcados pelo apelo patriótico desses que deixaram seu nome na nossa História, em extraordinário momento” (ARARIPE, 2014, p.14). Para justificar a fidelidade do autor as informações contidas em sua obra em nota os organizadores afirmam que:

Pedro Jaime sentia-se apto a escrever sobre a confederação do Equador porque dispunha de documentos sobre o assunto e porque, anteriormente, com idade entre os 14 e os 15 anos, participara da revolta republicana ao lado de seu pai, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, e de seu tio José Martiniano Pereira de Alencar, tornando-se o mais jovem revolucionário brasileiro sobrevivente a essa revolta na qual ele recebeu o apelido de SOLDADINHO DO ARARIPE (ARARIPE, 2014, p.17).

Informações valiosas sobre a Confederação são retiradas também do livro *História Militar do Ceará* de Eusebio de Souza¹⁴. Como já foi dito anteriormente esse evento marcou grandemente a história do Ceará e não poderia deixar de estar nas páginas de um relato sobre a história militar desse estado. Outro livro que merece realce é *Efemérides*, do autor João Brígido dos Santos¹⁵, que trata de expor datas e acontecimentos importantes para a história do Ceará desde o ano de 1604 até 1892, o mesmo trata de relatar os acontecimentos, quase que diários, das tropas cearenses durante todo o período em que se deu o movimento.

1.2 – A historiografia paraibana de 1824 e o episódio da confederação do Equador

O movimento da Confederação do Equador, como sabemos, contou com a participação ativa de quatro estados: Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte. E certamente todos escreveram sua história passando por esse episódio, uns com maior intensidade de produção e também riqueza de fatos e outros nem tanto assim, como ficará claro aqui.

É sabido que esse trabalho propõe fazer uma análise sobre a memória da Confederação do Equador em Triunfo e, por ser uma cidade paraibana, a primeira impressão que se tem é

¹⁴ SOUZA, Eusebio de. **História Militar do Ceará**. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1950.

¹⁵ SANTOS, João Brígido dos. **Efemérides**. [S.I.: s. n.], 1900

que a historiografia da Paraíba fornece um número significativo de fontes que possibilitaram a realização desse e de futuros trabalhos. Entretanto, o que se verifica é uma realidade completamente adversa. Há poucos escritos na historiografia paraibana sobre a Confederação. Tanto no período em que destacava o desenvolvimento maior dessa historiografia, que se configura justamente no ano do centenário do movimento, quanto nos dias atuais, são poucos os trabalhos que se voltam a ela como temática central, ou mesmo que apresentem uma discussão mais longa sobre a mesma, para além do caráter informativo.

Serioja em sua tese *Gente Oculenta e de Boa Linhagem: Família, Política e Relações de Poder na Paraíba (1817-1824)* aponta essa questão e descreve algumas situações significativas para justificar a falta de trabalhos relacionados à Confederação do Equador na Paraíba, diferente do que tinha ocorrido em 1817, pois a luta naquele momento não era mais contra o reino português e sim contra a centralização do poder imperial no Rio de Janeiro, era uma luta contra o Imperador, sendo assim “não era interessante para os autores que escreveram no início do século XX, falar sobre um movimento que representa o ‘antipatriotismo’” (MARRIANO, 2005, p. 51). Acrescentou ainda outro fator relevante, que diz respeito à “visão elitista dos autores” em confronto com o caráter popular presente na Confederação do Equador. Não era interessante que o movimento se estendesse as ruas, ganhando destaque nas camadas populares, nesse sentido “escrever sobre 1824 significava, também, trazer para a história essas categorias sociais silenciadas, ou escamoteadas, por uma historiografia tradicional e elitista” (MARRIANO, 2005, p. 51).

Contudo, alguns poucos artigos e capítulos de livros são encontrados na historiografia local, referentes ao ano de 1824, a maioria de caráter apenas informativo, por tratarem a historiografia da Paraíba de um modo geral. A maioria desses trabalhos já foram apresentados e analisados por Serioja como, por exemplo, o texto da Conferência sobre 1817 proferido por Manoel Tavares Cavalcanti¹⁶ e *A Paraíba na Revolução de 1824* de J. C. Carneiro Monteiro¹⁷, ambos publicados na Revista do IHGP

Por fim a própria Serioja preocupa-se em escrever sobre a Confederação do Equador na Paraíba. Naquele momento “na Paraíba a preocupação do governo legalista ainda era com os portugueses” (MARRIANO, 2005, p. 250) e se colocavam como defensores da Independência do Brasil, dispostos a punir os traidores do sistema imperial. Diante disso, a

¹⁶ RIHGP (v.1), 1909.

¹⁷ RIHGP (v.3), 1911.

província da Paraíba, em especial o governo central, se manteve na defesa em favor dos ideais imperialistas, combatendo o movimento republicano, que ganhava dimensões cada vez maiores no Ceará e em Pernambuco, impedindo que o movimento pudesse alcançar um número maior de adeptos e simpatizantes. Os sertões deveriam estar protegidos de qualquer revolta possível vinda do Ceará, “principalmente no distrito da São João do Rio do Peixe, o primeiro a agitar-se com as notícias da Confederação” (MARIANO, 2005, p. 252). Foi por sinal nessa região que ocorreram alguns encontros entre os confederados e os imperialistas, e em um desses encontros resultou no Morticínio de Picada.

1.3 – Escrevendo a história: A Confederação do Equador na historiografia local

Por muito tempo se manteve desconhecido o Morticínio de Picada, uma das últimas batalhas da Confederação do Equador, ocorreu na Fazenda Picadas no dia 17 de outubro de 1824, onde morreram cerca de mais de 150 homens¹⁸, no entanto, pouco tempo depois de tornar-se de conhecimento público surge um discurso político associado a uma diversidade de símbolos com intenção de dar veracidade ao fato. Buscou-se ainda produzir uma narrativa deste episódio e, dessa forma, alguns textos foram escritos e outros já existentes foram apresentados e colocados em circulação.

Toda articulação na construção da celebração desta memória por meio de uma historiografia local se dá a partir da figura de Damísio Manguiera, o prefeito da cidade na época e de um grupo articulado por ele, composto por dois historiadores e um mestre na área de letras¹⁹, que inicia em 2004 um trabalho de reescrita da história de Triunfo enraizada no episódio da Confederação do Equador.

O primeiro trabalho a apresentar esse acontecimento relacionado a Triunfo é a autora Rosilda Cartaxo, e sua biografia tem muito a dizer da relação dela com a escrita desse episódio. A autora cajazeirense, era filha de José Gonçalves Dantas e Maria Cartaxo Dantas, integrava duas das famílias mais renomadas da região: Dantas, a mesma família do comandante das tropas imperialista de 1824, em São João do Rio do Peixe e Cartaxo em

¹⁸ A Confederação do Equador no Ceará. Parte Chronologica. Pelo Barão de Studart. REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Tomo especial, 1º Centenário da Confederação do Equador, Fortaleza, 1924; SANTOS, João Brígido dos. **Efemérides**. [S.I.: s. n.], 1900.

¹⁹ O capítulo II dessa monografia tratará de apresentar a figura de Damísio Manguiera e desse grupo.

Cajazeiras. Seu pai natural de São João do Rio do Peixe, homem de posses, foi o fundador do PSD na cidade e sofreu as perseguições de 1930 as perseguições udenistas, pelo seu sobrenome e por ser perrepista.

Rosilda Cartaxo passou parte de sua infância em São João do Rio do Peixe, foi primeiramente alfabetizada por sua mãe, depois passou a estudar em escolas particulares, recebeu diploma de professora em 1941 pela Escola Normal Padre Rolim, da cidade de Cajazeiras. Lecionou e foi diretora da Escola Joaquim Távora, em São João do Rio do Peixe. Depois seguiu para João Pessoa onde atuou como professora no Grupo Escolar José Américo de Almeida. Para refinar seus conhecimentos participou de diversos cursos em João Pessoa, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi ainda uma das lutadoras pela emancipação feminina e vinculou-se a várias instituições locais, destacando-se pelos serviços sociais e administrativos.

Diante do grande desempenho intelectual Rosilda Cartaxo passou a ingressar o IHGP em setembro de 1975, sendo eleita tesoureira do instituto já no mês seguinte. No ano de 1977 foi eleita ao cargo de relações públicas do instituto. Passou a ser 2ª secretária em 1980 e se manteve no cargo até 1983. Foi eleita presidente do instituto em setembro de 1983 até 1986, se tornando a primeira mulher a assumir a presidência do IHGP. Estando a frente da administração do instituto começou a trabalhar pedindo o registro do IHGP no Instituto Nacional do Livro, para que pudesse garantir o recebimento das publicações daquela entidade, requisitou apoio ao IPHAN para salvar as coleções de jornais e a pinacoteca, através do Projeto PRÓ-MEMÓRIA, solicitou à Fundação Gulbenkian, de Portugal, ajuda para a preservação de documentos manuscritos, pediu ao Prefeito da Capital para fazer a limpeza externa do prédio do instituto. No primeiro andar, instalou o Memorial da Revolução de 30, com um acervo constituído de documentos, móveis e retratos que pertenciam ao presidente João Pessoa e uma bibliografia sobre a Revolução, instalou também a Sala “Alcides Carneiro” para exposição permanente das condecorações, comendas, medalhas e o fardão da Academia Brasileira de Letras pertencentes ao paraibano. Além do seu desempenho nos cargos de direção do Instituto ofereceu grande contribuição para às revistas.

No mesmo ano que ingressou no IHGP, em 1975, Rosilda Cartaxo iniciou sua vida de escritora com o lançamento do livro *Estrada das Boiadas*, o mesmo que se torna símbolo da narrativa do Morticínio de Picada, no mesmo ano lançou um pequeno livro intitulado *Barra do Juá*. Em 1981, escreveu *A Vila em Festa*, uma homenagem à passagem do centenário da elevação de São João do Rio do Peixe de vila a cidade. Posteriormente em 1989, lançou o

livro *As Primeiras Damas* e do ano 2000 o seu último livro *Mulheres do Oeste*. A maior parte dos livros de Rosilda Cartaxo são dedicados a história de São João do Rio do Peixe, terra querida onde passou alguns dos primeiros anos de sua vida.

Verificamos que Rosilda Cartaxo tinha propriedade para falar de São João do Rio do Peixe da mesma forma que a sua condição intelectual concebia, e concebe até hoje, credibilidade a sua narrativa. A abordagem da Confederação do Equador pode ser associada também ao caso dela pertencer a família Dantas, mesmo que não tivesse o sobrenome em seu registro, era a mesma do líder imperialista do Sertão do Rio do Peixe, José Dantas Rothéa, verificamos no livro *Estrada das Boiadas* que pouco antes de relatar o Morticínio de Picada a autora descreve a origem da família Dantas e as características da mesma segundo Otacilio Cartaxo. Tudo isso corrobora para que sua escrita se destaque, ganhando veracidade e força, tanto em São João do Rio do Peixe como nas regiões circunvizinhas.

No que se refere ao Morticínio de Picada Rosilda faz a seguinte descrição:

No desenrolar daquelas lutas chega Maxi com 180 homens, a 17 de outubro de 1824, na Fazenda Picada, de propriedade de Agostinho Tomaz de Aquino, assaltando-a, sem maiores cautelas, embriagados e entregues ao sono, por fim, sem suspeitar dos imperialistas seguiam de perto. E assim encontravam-se os soldados do valente e truculento Maxi quando foram assaltados pelas tropas dos Dantas Rotheia e de Pinto Moreira.

Acometidos de surpresa os republicanos ainda conseguiram oferecer denotada resistência que foi, aos poucos, enfraquecendo pela escassez de munição, sendo os sitiados, afinal dominados pelos imperialistas que, friamente praticaram uma chacina inominável matando um a um os imprevidentes soldados republicanos.

Foi total o massacre. Dos 180 homens que compunham as tropas de Maxi apenas escaparam 5 pessoas, três conseguiram fugir e duas ficaram como mortas debaixo dos cadáveres dos seus desventurados companheiros.

Filgueiras avisado do morticínio de Picada, reorganizou o seu exercito e marchou resolutamente, disposto a vingar a morte de seus comandados entregues á imprudência de Maxi. Avançou até o Brejo das Freiras de onde retrocedeu advertindo por Tristão do insucesso da revolução em Pernambuco. (CARTAXO, 1975, p. 223)

Rosilda foi o pontapé inicial de onde surge a preocupação em escrever sobre este acontecimento, mesmo tendo sido publicado quase 30 anos antes do início do projeto da Confederação do Equador o livro era até então desconhecido ou pelo menos irrelevante para a maioria dos triunfenses, exceto para Damísio Mangueira que desde sua infância nutria o interesse de conhecer mais a fundo a história apresentada pela autora, como veremos no próximo capítulo. Na verdade, o fato de maior destaque na história da cidade até o momento

era exclusivamente o aspecto religioso, o milagre do Menino Deus, mas aos poucos vai despertando na cidade o interesse de produzir uma narrativa que pudesse unir a versão da história já existente com essa história emergente. Dessa forma muitos escritos começaram a surgir, apresentados nos mais diversos gêneros e das mais diversas formas. A escrita soma-se à intenção de construir um conjunto de narrativas de celebração da memória de Triunfo e são os grupos detentores do poder que as tornam possíveis afinal, memória coletiva é antes de tudo uma escolha, se procura guardar e propagar o que é favorável aos interesses de uma determinada sociedade ou indivíduo. (LE GOFF, 2003)

O primeiro dos escritos a se difundir na cidade foi o cordel ... *A HISTÓRIA DE TRIUNFO-PB... Contada em Verso*. Pequeno cordel de 13 páginas no qual havia um resumo geral da história em texto descritivo. De autoria de Damísio Mangueira em parceria com mais dois poetas repentistas da região de Cajazeiras, Chico Xavier e Chico de Assis, o mesmo se preocupava em informar a população da “verdadeira história” da cidade, já inserindo episódio a batalha como marco histórico. Em síntese podemos dizer que o cordel faz um breve relato da história da cidade começando pelo episódio da batalha, passando pelo cenário religioso e sua emancipação política. Esse pensamento já fica claro no primeiro verso.

Caro leitor, caro amigo

Sinta-se bem a vontade

Para ler sobre TRIUNFO

E saber toda verdade

De como foi a criação

Tudo sobre a fundação

E a origem desta cidade

(XAVIER, Chico; ASSIS, Chico; SILVA, Damísio Mangueira, [s.d.], p. 01)

Vale ressaltar que o cordel foi distribuído exclusivamente nas escolas, era um projeto voltado especialmente aos estudantes contendo uma linguagem simples e acessível, à medida que os jovens eram o principal meio de perpetuar a história. Comprovando que o documento é antes de tudo o resultado de uma escolha consciente da sociedade que o produz (LE GOFF, 2003), salientamos a grande relevância que dispunha naquela época, a Confederação do Equador e seu idealizador, de modo que a capa é ilustrada com a imagem da batalha do artista

Deusdedit Seixas, apresentada no início desse trabalho e que será abordada mais detalhadamente no terceiro capítulo. A contracapa traz a foto de Damísio Mangueira.



Figura 2: Capa e contracapa do Cordel “... A HISTÓRIA DE TRIUNFO-PB... Contada em Verso”.

Simultaneamente surge a revista *Triunfo em Foco*, periódico anual da Fundação Centro Cultural Francisca Fernandes Claudino de responsabilidade da administração local, teve sua primeira publicação, no ano de 2004, o mesmo da inauguração do *Memorial Triunfo* e do *Museu Iconográfico*, contudo a edição não menciona esse fato, pois o seu lançamento ocorreu no mesmo dia da inauguração, 22 de dezembro. Por outro lado, continha um tópico especial tratando de apresentar, pela primeira vez numa narrativa mais formal, a história da Confederação do Equador, frisava o desenvolvimento do projeto e apontava para a culminância do projeto, por fim como nas edições posteriores ressaltava a o passo importante da administração no que se refere a construção de obras públicas, nesse aspecto apresenta a imagem o esboço arquitetônico do memorial.

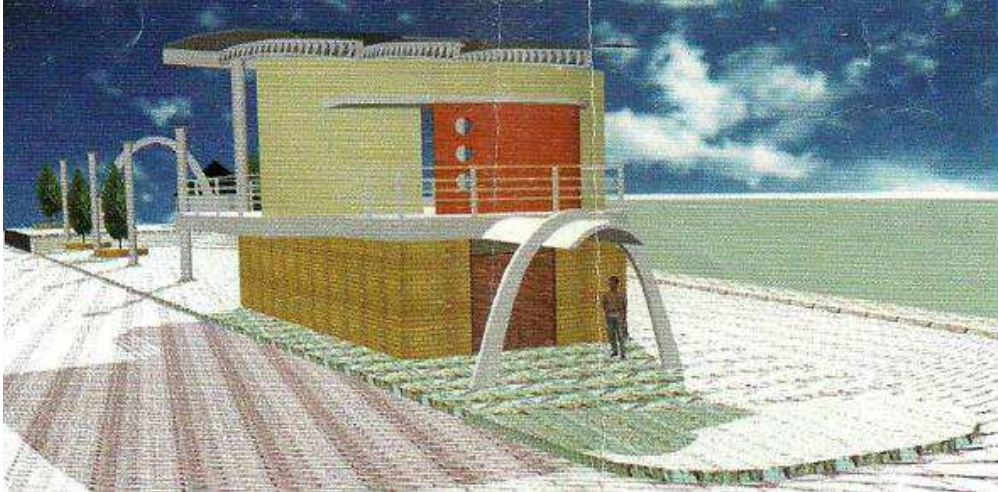


Figura 3: Esboço do Memorial Triunfo. Revista Triunfo em Foco. n. 1. 2004.



Figura 4: Esboço do Memorial Triunfo. Revista Triunfo em Foco. n. 1. 2004.

Em 2005 o destaque da edição é dado à inauguração do Memorial Triunfo que ocorreu no ano anterior e ao Museu Iconográfico localizado dentro da estrutura do memorial. Esse foi o ano que se realizou a primeira festa cívica em alusão a Confederação do Equador no dia 17 de outubro, o dia do feriado, mas somente a revista do ano seguinte fará referência a esse acontecimento já que a publicação dessa revista ocorreu no mês de junho. Desse modo essa edição preocupou-se mais em trazer alguns relatos do evento da Confederação do Equador e uma matéria exclusiva ao evento da inauguração, que ocorreu no ano anterior, evidenciando as exposições apresentadas no museu e colocando o empenho da administração de realizar novas obras que garantem o desenvolvimento da cidade.

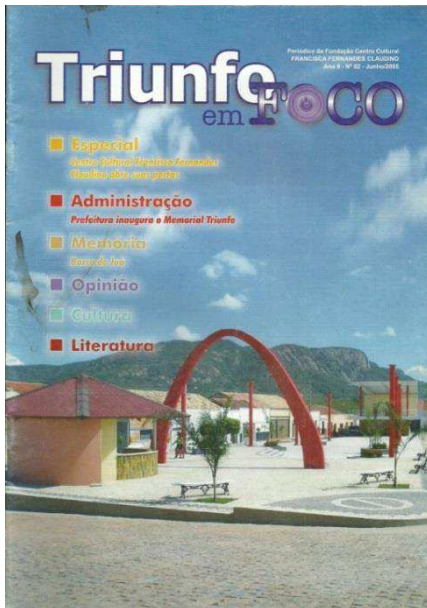


Figura 5: Capa da Revista Triunfo em Foco. n. 2. 2005.

A edição número 03, publicada em dezembro de 2006 resgata novamente a história, destaca as festividades que ocorrem todos os anos em alusão à batalha e por fim dar ressalva ao feriado de 17 de outubro, aprovado por lei municipal naquele referido ano. A matéria dessa vez trata menos da história e realça a celebração da memória, procura mostrar a importância da criação do feriado e da realização da festa cívica.

Durante três anos consecutivos houve o cuidado por parte do poder executivo de realizar e registrar os eventos referentes à Confederação do Equador, por meio da revista “Triunfo em Foco”. Contudo, nos seguintes não houve tanto empenho e a revista deixa de ser publicada como periódico e depois passam a ser publicadas algumas edições especiais.

Em 2011 a Confederação aparece mais uma vez nas páginas da história de Triunfo através da revista da Edição Especial de Emancipação Política de Triunfo. Dessa vez a narrativa vem associada a uma descrição biográfica do padre Ibiapina ao relatar que seu pai e um irmão foram mortos em uma das batalhas do movimento. “Teve um Pai e um Irmão, ambos militantes e mortos por um movimento de repercussão nacional cujo último levante aconteceu aqui e que teve como resultado daquela ação o nosso nome de TRIUNFO” (Edição Especial de Emancipação Política, 2011, p.11). Desse modo percebemos mais uma vez a memória sendo fortalecida pela narrativa historiográfica.

Vale aqui salientar que a revista *Oba!*, da cidade de Cajazeiras, na publicação do ano 02, de 2003, já havia apresentado a Confederação do Equador relacionada com a cidade de Triunfo e já apontava o interesse de Damísio Manguera construir o memorial. Neste ano a revista traz o 42º segundo aniversário de emancipação política de Triunfo como destaque da edição, destinando ao mesmo o total de 5 páginas além da capa, ressaltando tanto o caráter político como histórico da cidade a partir da administração de Damísio Manguera.

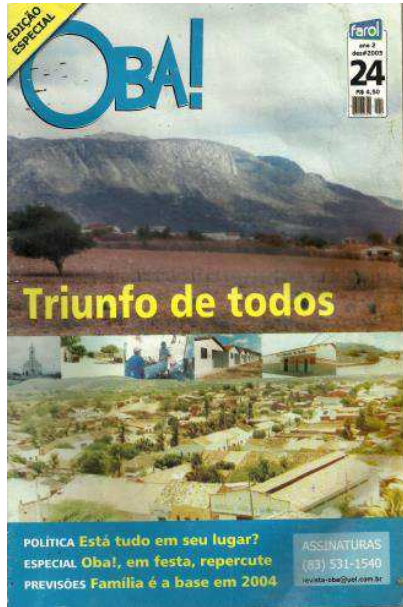


Figura 6: Capa da revista Oba!. a. 02, 2003.

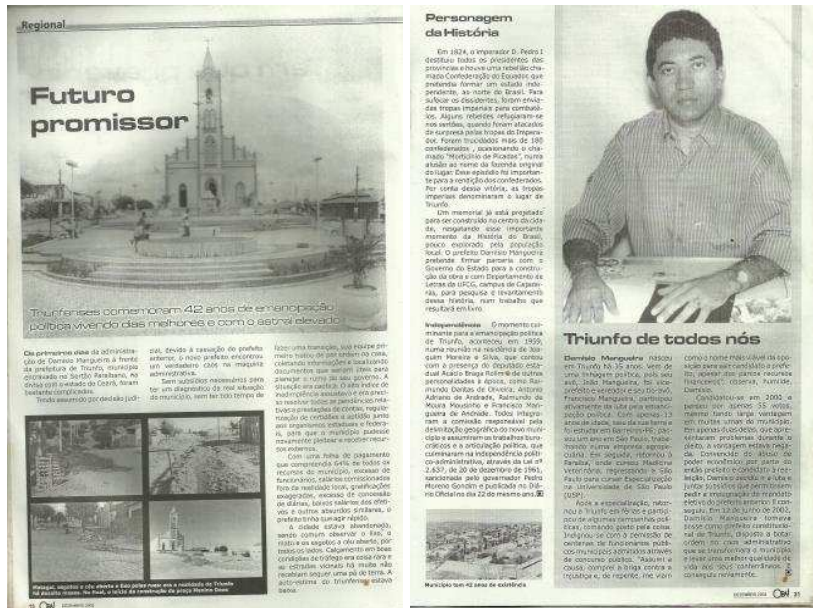


Figura 7: Matéria da Revista Oba!. a. 02, 2003.

Todos esses escritos emergem na mesma época que o projeto é pensado e inaugurado, mas é ainda algo muito superficial até 2008 com a publicação do livreto *Triunfo em Picadas: e o fim da Confederação do Equador*, trabalho organizado por Antônio Aurélio Cassiano de Andrade, historiador da cidade envolvido diretamente no projeto, e contou com o apoio da UFCG para ser publicado. O livreto traz um resumo do cenário que envolvia a Confederação do Equador, em seguida fazendo uma relação da mesma com a cidade de Triunfo, citando o texto de Rosilda Cartaxo que retrata a batalha. Apresenta ainda as causas e os objetivos do movimento, os líderes deste no Nordeste e, por fim, uma breve história da cidade de Triunfo.

Este é tido como referência principal da Confederação do Equador na cidade, todos os envolvidos no projeto e interessados nesse tema destacam a existência dessa obra. O próprio Damísio Manguiera, indagado sobre os símbolos da Confederação do Equador construídos em Triunfo, coloca que o “livrinho” é um material importante, uma forma de levar esse episódio ao conhecimento da população e das futuras gerações²⁰. Isso mostra com clareza o quanto as sociedades consideram importante validar e imortalizar a história, construindo uma memória que possa alcançar a posteridade. “A memória de uma sociedade se estende até onde pode – quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos de que ela se compõe. (...) Se a duração da vida humana dobrasse ou triplicasse, o campo da memória coletiva, medido em unidades de tempo, seria bem mais extenso” (HALBWACHS, 2006, p. 105), sendo assim a escrita assume essa extensão temporal que é impossível a memória, mas sofre ainda há existência de esquecimentos e escolhas.



Figura 8: Capa do livro “Triunfo em Picadas: e o fim da Confederação do Equador”. 2008.

²⁰ (Entrevista), Ibid., 2016, p 5.

Em 2011 Damísio Mangueira publica o livro *Os Labirintos do Triunfo*, uma espécie de autobiografia, onde ele narra sua trajetória política associada a história de Triunfo, e mais uma vez a Confederação do Equador é enfatizada como marco da história local. O livro inicia com a narrativa da origem do autor, e logo nas primeiras páginas já coloca em destaque o fato de Triunfo ter esse nome por ocasião da vitória dos imperialistas no “Morticínio de Picadas”. Nesse contexto uma breve abordagem do episódio é exposta. Porém, é na página 87, quando Damísio Mangueira coloca a preocupação em realizar uma obra de “importância urbanística” (Silva, 2011, p.87) que marcaria seu governo e alcançaria grande notoriedade, que ele dá ênfase ao evento enxergando no mesmo essa possibilidade. Essa condição tem muito a ver com o aspecto de existir da política, como descreve Dominique Poulot (2009, p. 199) “o patrimônio ocupa, atualmente, uma posição privilegiada nas configurações da legitimidade cultural, nas relações sobre a identidade e nas políticas de vínculo social. Do ponto de vista da legitimidade, ele tem a ver com uma antropologia jurídica e política de longa duração, permitindo inscrever-se em uma filiação e reivindicar uma transmissão”. Desenvolver o projeto, torná-lo monumento, ao mesmo tempo em que o transforma em patrimônio da cidade, e ter o cuidado em expor todo esse processo por meio da escrita é uma forma de oficializar tal acontecimento e garantir sua transferência à posteridade.

Até então, toda a escrita da Confederação do Equador em Triunfo se fazia por meio de uma descrição dos fatos, sem nenhuma problematização. Contudo, desde o início desse trabalho alguns questionamentos foram feitos, tanto da veracidade dos fatos quanto da rapidez dessa história em surgir e tornar-se oficial. Durante as pesquisas para a realização desse trabalho me deparei com muitos triunfenses acadêmicos da UFCG, que tinham o interesse de pesquisar essa temática, mas se viam desestimulados pela historiografia que se opunha aos seus interesses que, na maioria das vezes, era de constatar a veracidade do fato. Passando daí o único interessado em pesquisar a história de Triunfo e escrever sobre a Confederação do Equador foi Pe. José de Andrade Alves, que foi pároco da cidade por 4 anos, e escreveu um texto, não publicado, de 53 páginas, ao qual deu o título de *Triunfo, Fatos e conjecturas*. Trata-se de um texto riquíssimo de informações que mostra a preocupação de narrar a história da cidade como um todo, em meio há uma problematização, com o cuidado de apontar os referenciais que usava para expor os fatos, mesmo que não tenha existido a preocupação de escrevê-lo de acordo com as normas acadêmicas de referência. Pe. José de Andrade sempre se colocou como um curioso e interessado em estudar a história de Triunfo por sua

condição histórica, que vai além da Confederação do Equador, e por isso se dedicou em realizar uma pesquisa sobre a história da cidade que era pouco problematizada e muito questionada. Para isso ele visitou alguns institutos, fez um levantamento bibliográfico conseguiu adquirir alguns livros que deram grandioso suporte a sua escrita, e também a esse trabalho.

Pe. José de Andrade inicia o texto frisando que não se trata de um trabalho detalhado da história de Triunfo, mas sim tem “o objetivo de recordar alguns fatos e de expor algumas conjecturas ligadas a essa história”. E começa seu relato a partir dos primeiros habitantes da região, “os índios Icó Pequenos, conhecidos como Icozinhos, da tribo dos potiguaras”, seguido da apresentação dos primeiros homens a se tornarem donos dessas terras. Em seguida expõe a importância do Olho D’água das Gamelas, para os primeiros habitantes e para a sobrevivência dos rebanhos de gado nas épocas de seca. Além desse aponta a existência de outros olhos de água no município. Destaca ainda as pinturas rupestres presentes nas serras do Sítio Capoeiras, um fenômeno pouco explorado e investigado na região. Como também as Casas de Farinhas construídas na Serra.

Expõe que a extensão territorial que corresponde aos limites leste e sul do município pertenceu as freiras do Convento da Glória, de Recife. Essas terras ainda são conhecidas como Terra das Freiras. Logo em seguida discorre sobre o Morticínio de Picadas apresentando documentos que apontam para a real existência do episódio, discute sobre a provável localização que se deu a batalha. Também apresenta alguns autores que relatam esse episódio em suas abordagens historiográficas. Além disso faz uma descrição do que foi o movimento da Confederação do Equador, frisando a atuação dos estados envolvidos e principalmente a posição que o Sertão do Rio do peixe assume frente ao mesmo. A discussão em torno do Morticínio de Picadas é a mais longa com relação as demais abordagens.

Aborda ainda a fúria da cólera e o milagre que leva a construção da capela do Menino Deus. Retrata as controvérsias que existem em relação a origem do nome da cidade. Tratando ainda do aspecto religioso diserta sobre o patrimônio que a igreja possuía e a visita do bispo de Olinda. Discorre sobre o distrito da Barra do Juá, que a princípio chegou a ser mais importante que a Fazenda Picadas, teve uma origem promissora, mas aos poucos foi entrando em decadência, decadência essa que é atribuída a uma maldição lançada pelo Padre Ibiapina, após um descontentamento que teve em uma visita a essa localidade, após ser amaldiçoada a Barra do Juá caiu em ruínas tendo seu desenvolvimento estagnado, mais tarde, passando a

pertencer a Triunfo. Conclui sua narrativa falando da origem do Cemitério do Saco, que foi construído por ocasião de uma epidemia de varíola que acometera a região causando muitas mortes. Ao longo dos anos o mesmo passou a se configurar como lugar de manifestação de fé, muitos são os católicos que fazem promessas e dizem ser atendidos pelas “Almas do Cemitério do Saco”, o pagamento dessas promessas é realizado através da celebração de terços e, em menor número, de missas.

Para concluir toda a trajetória da cidade, ao construir uma historiografia da Confederação do Equador, evidenciamos ainda a história da cidade que é exposta na página da Prefeitura de Triunfo na internet. No ícone *Triunfo- PB* na sessão *História* é exibido o texto *De Picada à Triumpho: do bacamarte à oração. Apanhados históricos sobre Triunfo* de Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu uma descrição longa da história de Triunfo que relata os primórdios das cidades do sertão e, ao tratar especificamente da cidade, coloca fatos de sua origem em meio há uma abordagem de fatores políticos, sociais, econômicos, religiosos e, não surpreendentemente, é a ênfase dada ao movimento, em particular à batalha, incorporada a esse relato.

Além da historiografia de Triunfo, podemos destacar dois textos que abordam essa temática e que tornaram possível também esse processo. O primeiro foi o livro *Estrada das Boiadas*, de Rosilda Cartaxo que, como dito anteriormente, é a principal narrativa sobre esse evento na região do sertão Paraibano. As fontes que a autora destaca são o Dr. Pedro Theberge e a Revista do Instituto Histórico do Ceará.

Estrada das Boiadas trata de contar um pouco da história do Rio do Peixe, das regiões que compunham o território compreendido como sertão Rio do Peixe, seguindo o roteiro das boiadas. Neste livro a autora destaca aspectos políticos, sociais, religiosos e econômicos inerentes a essa região, destacando personalidades e momentos importantes em tempos cronológicos distintos, mas que marcam a história do Vale do Rio do Peixe. Dentre os fatos históricos, Rosilda Cartaxo apresenta a posição política dos homens do Rio do Peixe diante do movimento da Confederação do Equador, denotando o apoio que os imperialistas recebiam desses homens. Foi de preocupação da autora também descrever o “Morticínio de Picada”. Esse é, por ventura, o primeiro escrito do estado da Paraíba que apresenta esse acontecimento.

O segundo é um texto mais contemporâneo que faz uma abordagem histórica da cidade de São João do Rio do Peixe, *São João na Colônia e no Império: Fazenda, Povoado e Vila*, de Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu, o mesmo autor do texto do *site* citado

anteriormente, publicado em 2015. O autor faz um mapeamento político, social, religioso e econômico, de São João do Rio do Peixe em dois períodos da história do Brasil, o Brasil Colônia e o Brasil Império, mostrando como a cidade passou por esses períodos e realçando o debate acerca de como a mesma se portou diante dos eventos que marcaram esses dois momentos tão significativos.

O trabalho de Wlisses faz um mapeamento das extensões que constituíam a região de São João do Rio do Peixe e seus papéis diante da posição que a cidade ocupa enquanto fazenda, povoado e vila. Nesse contexto o autor propõe uma discussão acerca da Confederação do Equador, partindo de questões já apresentadas por Rosilda Cartaxo, buscando detalhar o acontecimento e levantando um maior número de referências, o mesmo busca contextualizar o movimento de forma que torna mais claro compreender as circunstâncias que tornam a Paraíba diretamente envolvida nesse evento e diante dessa conjuntura apresenta mais uma vez o “Morticínio de Picada”.

CAPÍTULO II

O MORTÍCINIO DE PICADA: A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DOS CONFEDERADOS

“...Talvez tenha sido a primeira vez que em 181 anos, uma prece tenha sido elevada aos céus, intercedendo pela paz e descanso eterno de quem legou sua vida através da morte, a construção da história que nos tornamos herdeiros”.

(Discurso do prefeito Damísio Mangueira no dia 17 de outubro de 2005 durante a celebração da comemoração da Confederação do Equador)²¹

Retomando a relação entre história e memória, entendemos por história a narrativa, ou a reconstrução científica e metódica, de um evento. Memória é a lembrança sempre presente desse mesmo evento, essa lembrança pode ou possuir estímulos externos a condição psíquica. A história é produzida a partir da memória, mas a memória por outro lado não necessita obrigatoriamente da história para existir. A memória pode ser também uma construção coletiva, à medida que se instaura um sentimento de lembrança de um evento que corresponde a um grupo. No caso de Triunfo percebemos que a memória em torno do Morticínio de Picada é uma memória coletiva construída mediante a afirmação de um acontecimento que ganha força nos discursos proferidos por um grupo que desenvolve um projeto de celebração da memória e conta com o auxílio de símbolos para alcançar consistência e adesão social. Desse modo, dissertaremos nesse capítulo em torno da idealização desse projeto e dos mecanismos usados para dar funcionalidade ao mesmo.

2.1 – Triunfo e o projeto de celebração da memória da Confederação em Triunfo

Triunfo é uma pequena cidade, localizada na microrregião de Cajazeiras, na região que corresponde ao sertão paraibano. Faz limites ao Leste com Poço de José de Moura, Norte

²¹ Triunfo em Foco, 2006, p. 08.

com Bernardino Batista, Nordeste com Joca Claudino, Oeste com Umari-CE, Sul com Santa Helena e Sudeste com São João do Rio do Peixe. Possui uma área territorial de 219.866 Km² e cerca de 9.220 habitantes²², em sua paisagem o destaque é para a serra situada ao norte de sua extensão territorial.

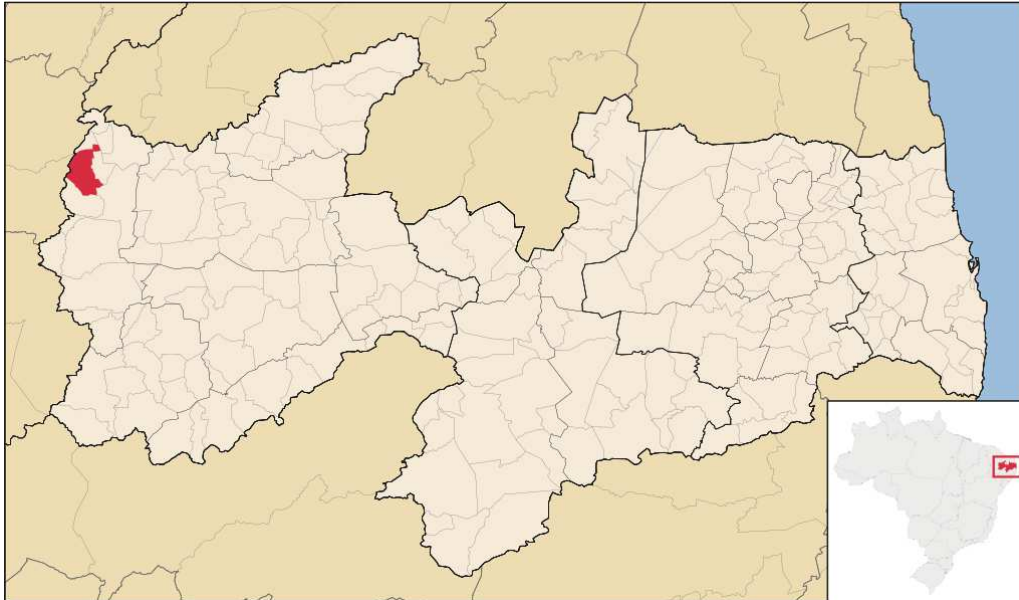


Figura 9: Mapa com a localização da cidade de Triunfo. Google imagens.

O povoamento da localidade cresceu a partir da construção da capela do Menino Deus, em 1864, após os habitantes da localidade sobreviverem à epidemia de cólera que atingia a região, esse é também o símbolo da religiosidade do lugar. As maiores celebrações na cidade ocorrem em dezembro, dos dias 15 a 25, período das novenas em honra ao padroeiro, nesse tempo a cidade é inteiramente tomada pelo entusiasmo das festividades, logo no dia 01 de dezembro parte significativa da população católica da cidade se veste com roupas na cor rosa, a mesma cor dos trajes usados pelo santo na imagem que, segundo a memória local, teria vindo de Roma no mesmo século da construção da igreja. É também em dezembro a festa de emancipação política da cidade que se deu em no ano de 1961. Dessa forma é principalmente no mês de dezembro Triunfo passa a ser visitada por pessoas das regiões circunvizinhas, de localidades mais distantes e de outros estados, nesse contexto a cidade também já foi objeto de destaque da mídia estadual mais de uma vez.

Até 2004 o fator de maior relevância na história da cidade, era o aspecto religioso, e a maior parte da sua população, de certo modo, encontra-se alheia a qualquer outra história e

²² De acordo com IBGE a partir do senso 2010.

memória que não fosse essa. Todavia no final do ano de 2002 início de 2003, haviam se iniciado pesquisas em torno da história Confederação do Equador, impulsionada pela memória do relato oral de alguns moradores mais antigos da cidade e provável veracidade do fato descrito no texto escrito por Rosilda Cartaxo, pouco menos de 30 anos antes da idealização do projeto, mas de fato, a história, ou a memória da Confederação do Equador que se relaciona com Triunfo só vai tornar-se popular em 2004, aproximadamente dois séculos depois do movimento. Outros autores já tinham narrado o Morticínio de Picada, mas o texto de Rosilda Cartaxo se torna impulsionador para a realização do projeto, pelo fato de situar a batalha no sertão do Rio do Peixe, e sabendo que a cidade de Triunfo no ano que ocorreu a batalha era a Fazenda Picada, de propriedade de Agostinho José Tomas de Aquino, e pertencia a São João do Rio do Peixe ficava claro a partir dos relatos da autora que a cidade só poderia ser o lugar citado por ela.

Ao mencionar que ocorreram três encontros entre imperialistas e confederados em Umari, Taboleiro Grande e Brejo das Freiras, regiões próximas aquela fazenda, pelos limites territoriais a narrativa corrobora mais uma vez com a afirmativa que a batalha ocorreu onde hoje é a cidade de Triunfo, e mais a cidade hoje incorpora um sítio que é denominado Taboleiro Grande e o Pe. José de Andrade, que já foi apresentado na capítulo anterior, em alguns momentos aponta a possibilidade de se tratarem do mesmo lugar. Por fim, Rosilda Cartaxo declara que naquele lugar onde ocorreu a batalha foi dado o nome de Triunfo, e como a origem do nome da cidade é ainda muito impreciso encontra-se aqui outro aspecto que colabora para a afirmação desta história e construção da memória.

Em 2004 Triunfo que completara 43 anos de emancipação política, já havia sido administrada por sete prefeitos e nenhum deles preocupou-se em pesquisar e construir uma memória que relacionasse a Confederação do Equador a história da cidade. Somente Damísio Manguiera da Silva²³ na sua primeira gestão, de 2002 a 2004, começa a desenhar o projeto da Confederação do Equador. O então prefeito menciona o interesse pessoal que nutria pelo episódio e remonta às suas memórias de infância, quando escutava, através de populares da região, a história de uma batalha sangrenta que teria ocorrido na cidade. Ainda criança tivera contato com o livro de Rosilda Cartaxo, que “tinha essa pista” de que de fato a batalha teria ocorrido e, desde então, nutria o interesse de resgatar essa história e a tornar

²³ Nomeado prefeito em 12 de junho de 2002, por força de processo jurídico, após a cassação do mandato do então prefeito João Coragem Pereira Junior, e eleito mediante o processo eleitoral de outubro de 2004. (SILVA, 2011; REVISTA EDIÇÃO ESPECIAL DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA, Dez/2011).

conhecida na cidade. A celebração da memória da Confederação do Equador em Triunfo é entendida por Damísio Manguiera como a oficialização de uma história que já era conhecida informalmente pela população de Triunfo²⁴. Contudo, o que colaborou para o projeto ser desenvolvido diz respeito a haver condições propícias para isso, à medida que essa memória não disputava com nenhuma outra, tinha legitimidade e poderia facilmente se unir as memórias já existentes na história da cidade.

Como vimos Damísio Manguiera anuncia que há muito tempo nutria o interesse por essa história, mas somente em 2002, quando passou a ocupar o cargo de prefeito da cidade, enxerga a possibilidade de pesquisar e desenvolver o projeto de celebração da batalha na Fazenda Picada. Começou então a organizar uma equipe que pudesse lhe ajudar nesse trabalho e contou com o apoio de Antônio Aurélio Cassiano de Andrade, José Ribamar Andrade e Teodulino Manguiera Rosendo, todos ligados a equipe administrativa e primos de Damísio Manguiera²⁵. Os dois primeiros, irmãos e formados em História, Antônio Aurélio presidente da Fundação Cultural Francisca Fernandes Claudino, secretário de cultura do município, esteve à frente desta secretaria durante a maior parte do mandato de Damísio Manguiera, é também o responsável pela manutenção e preservação do Memorial Triunfo, enquanto José Ribamar é professor de história da rede pública estadual. Já Teodulino Manguiera é mestre em Letras, professor da rede pública municipal, e esteve assumindo a Secretaria de Educação durante alguns períodos da administração de Damísio Manguiera.

A equipe que une o político aos intelectuais, formada por Damísio Manguiera e seus primos, é que contribui para atestar legitimidade ao projeto. O político possui as condições que propiciam a realização do projeto e os intelectuais o conhecimento necessário para sua execução. Em vista disso o projeto certamente não seria viável se não existisse a formação desse grupo, uma vez que foram eles que realizaram as pesquisas necessárias para o desenvolvimento do projeto, todo o trabalho erudito foi desenvolvido por essa equipe. Antônio Aurélio, José Ribamar e Teodulino Manguiera estiveram à frente também do conselho editorial das revistas *Triunfo em Foco*. Antônio Aurélio ainda se debruçou mais que os outros sobre essa história, escreveu o livro *Triunfo em Picadas: e o fim da Confederação do Equador* e posteriormente criou um blog, no qual deu o nome de *Textos Acadêmicos*, dedicado a publicação de textos sobre a história da cidade de Triunfo, dentre eles alguns textos sobre a Confederação do Equador.

²⁴ (Entrevista), Ibid., 2016.

²⁵ (Entrevista), Ibid., 2016.

O objetivo do grupo era instituir uma memória da batalha que despertasse afetividade na comunidade triunfense e desse modo passando a compor as narrativas históricas oficiais da cidade. Ao mesmo tempo, essa elaboração se desdobraria em outros projetos, como a construção de um marco histórico e urbanístico que desse destaque à cidade e que estaria localizada na rua que passou boa parte da sua infância, ele assim declara ao retratar o que teria motivado o projeto: “A rua em que nasci e passei boa parte da minha infância era também o meu sonho de realização de uma das obras do meu governo e eu sabia que traria uma grande repercussão” (SILVA, 2011, p.87). Resgatar a história do município, a história que escutava desde criança, era para ele o primeiro passo para elevar a autoestima da população e realizar o seu sonho.

Le Goff destaca que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (2003, p. 470). Essa relação entre a construção da memória coletiva e do poder é notória quando o próprio Damísio Mangueira afirma que a Confederação do Equador só tornou-se de interesse público quando se tornou prefeito. “(...) O interesse público passou a ser a partir do momento em que eu fui investido de prefeito, de um cargo público, porque eu achei interessante que essa história fosse lembrada para que a população conhecesse a sua própria história (...)” (Entrevista)²⁶.

Com a inclusão da Confederação do Equador na história da cidade, a intenção é que esta passe a ter maior evidência por se tratar de um episódio importante tanto na história do Nordeste quanto do Brasil. Damísio Mangueira ainda destaca que a divulgação dessa história favorece o turismo na cidade²⁷. Le Goff, (2003, p. 470), declarou que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, desse modo, percebo que o que ocorre em Triunfo se assemelha muito ao que Le Goff afirma. Criar uma memória em torno da Confederação do Equador, comemorar esse episódio, contribui em servir o presente e o futuro à medida, que o próprio Damísio Mangueira usa essa memória a seu favor com o propósito de obter destaque para a sua administração, colocar a cidade como roteiro turístico da região e garantir que a memória alcance a posteridade. O turismo é ainda uma estratégia comum para estimular o desenvolvimento econômico das cidades da região, que possuem uma economia emergente, ou mesmo, deficiente, na maioria das vezes trata-se de um turismo religioso. Em vista disso ocorre em Triunfo a união do turismo religioso, caracterizado pela festa do Menino Deus, e o

²⁶ Ibid., 2016, p. 13.

²⁷ Ibid., 2016, p. 12. (Entrevista)

turismo cultural, configurado, por exemplo, na visita ao Memorial Triunfo e ao Presépio Permanente, ambas obras construídas na primeira administração Damísio Mangueira.

Além disso, a celebração da memória atrelada a um projeto de melhoria urbanística aparece também no caso de Triunfo: A “cidade estava à época com 41 anos de emancipação política e não havia em sua estrutura urbanística nada que fizesse justiça a tanto tempo de existência” (SILVA, 2001, p.87), existência essa que ultrapassava os anos de emancipação política. Vale ressaltar que Damísio Mangueira tornou-se prefeito após ter ganho a ação judicial que havia imposto ao candidato eleito, assim sua administração não correspondeu a um mandato de quatro anos, ele assumiu a gestão pública em junho de 2002 e em 2004 já ocorreriam novas eleições, que ele concorreria novamente, e independente de ser eleito ou não já teria atrelado a sua própria história com a da cidade, por ter deixado na história e no espaço físico da cidade as marcas da sua administração²⁸. Percebemos que todo o grupo passa a ter sua história ligada a Confederação do Equador, mas a imagem de Damísio Mangueira como político ganha maior relevância nesse contexto. Contudo, sabemos que essa não foi uma ação específica a figura de Damísio Mangueira, no geral os governantes procuram realizar grandes atos com o objetivo de evidenciar o seu governo. Como outrora já teria manifestado José Murilo “a manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas” e citando Mirabeau reforça: “não basta mostrar a verdade, é necessário fazer com que o povo ame, é necessário apoderar-se da imaginação do povo” (1990, p. 11). Assim aconteceu em Triunfo, a “verdade” foi apresentada e a narrativa e a celebração tomaram conta de fazer com que a população aceitasse e amasse essa verdade.

A construção do memorial seria a maior ação realizada para atingir tal objetivo, mas por outro lado a prefeitura não possuía recursos para financiar uma obra dessa proporção, foi então que Damísio Mangueira começou a tecer relações até conseguir, através do Projeto Cooperar, ajuda financeira do Banco Mundial para realizar as obras. A coordenadora do Cooperar na época era Sonia Germano e de acordo com Damísio Mangueira ao buscarem ajuda da mesma “ela achou interessante história repassou para o Banco Mundial e a gente conseguiu captar recurso para poder fazer o Memorial e tentar passar pra essa e para as futuras gerações um fato extremamente importante, não só pra história do município como

²⁸ Isso porque a inauguração do monumento viria a ocorrer em 22 de dezembro de 2004, dia da emancipação política da cidade, independente de ganhar ou perder as eleições aquela já haveria de ter sido consagrada como a maior obra já construída na cidade.

para a História do Nordeste, de todo Brasil” (Entrevista)²⁹. Dessa forma com os recursos obtidos por meio do Projeto Cooperar e com os recursos da prefeitura o projeto se tornou viável e pôde ser concretizado

2.2 – O discurso os dos símbolos acionados para legitimar a comemoração

O projeto não consistia simplesmente na popularização da história da Confederação e na produção de objetos de memória, mas abarcaria também as comemorações, para que o evento obtivesse a coesão social que lhe era designada. Só a comemoração é capaz de anular o esquecimento, garantir que alcance a posteridade e conceder veracidade. “Ao proporem a lembrança de fatos, de feitos heroicos passados a serem recuperados, as festas contribuem para legitimar e dar coesão social à nação” (OLIVEIRA, 1999, p. 183). Assim se estruturaram as festas republicanas no Brasil e, de modo semelhante, operou-se em Triunfo. A festa, a comemoração, não ficou lá na apresentação do projeto, no momento de inauguração do memorial, mas continuou a ser cuidadosamente realizada nos anos seguintes, já que a repetição também é forte aliada nesse processo.

De acordo com Le Goff, (2003, p. 470), “são as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória”. Logo Damísio Manguieira, juntamente com sua equipe, estava lutando para fortalecer essa memória, que até então era oral e começava a se instaurar como memória escrita. Sem as comemorações esta memória teria grandes chances de se render ao esquecimento, de perder-se em meio a tantas transformações que acompanham a sociedades contemporâneas.

Para que fosse realizada uma comemoração era preciso a existência, primeiramente, de um marco, seja ele no espaço físico ou temporal. Foi a partir dessa concepção que se construiu o *Memorial Triunfo* e instituiu o feriado, assim se tornaram, dentre os símbolos que corroboram para o fortalecimento da memória, os de maior relevância, segundo o próprio Damísio Manguieira.

²⁹ Ibid., 2016, p. 04.

Indagado sobre a construção do memorial, Damísio Manguiera deixa claro que foi pensado “Desde o início né! Em 2003, quando a gente começou a luta pra poder resgatar o histórico, (...), a gente já pensava nisso de uma forma de levar isso ao conhecimento da população e das futuras gerações seria através de um marco urbanístico, né”³⁰. E completou falando da importância do feriado

(...) a gente achou que seria o momento mais importante pra gente fazer a festa cívica do município, bem mais do que até a data da emancipação, aquela do desfile né, porque a gente poderia fortalecer ainda mais essa memória do que houve e anualmente seria lembrado que as pessoas poderiam buscar o melhor conhecimento se inteirar do que houve né, dos símbolos existem (...). Eu acho que foi a forma que a gente encontrou de tornar viva essa lembrança (Entrevista)³¹.

O memorial e o feriado são símbolos construídos a partir da memória da batalha, mas a utilização desses símbolos com a finalidade de tornar sólidas uma memória e a narrativa de uma nova história, uma nova ideia, um novo regime, são práticas antigas, como fica claro no discurso de José Murilo de Carvalho, (1990, p. 13):

A aceitação ou rejeição dos símbolos propostos poderá revelar as raízes republicanas preexistentes no imaginário popular e a capacidade dos manipuladores de símbolos de refazer esse imaginário de acordo com os novos valores. Um símbolo estabelece uma relação de significado entre dois objetos, duas ideias, ou entre objetos e ideias, ou entre duas imagens. Embora o estabelecimento dessa relação possa a partir de um ato de vontade, sua aceitação, sua eficácia política, vai depender da existência daquilo que Baczkó chamou de comunidade de imaginação, ou comunidade de sentido. Existindo esse terreno comum, que terá suas raízes no imaginário preexistentes, seja em aspirações coletivas em busca de um novo imaginário, a relação de significado não se estabelece e o símbolo cai no vazio, se não no ridículo.

A comemoração é indispensável, sobretudo, para fortalecer a memória, para que ela não caia no esquecimento. A comemoração busca validar a história, justificar a importância da mesma. Damísio Manguiera é preciso ao declarar: “A gente sempre faz questão de realizar esse evento justamente pra que a gente possa fortalecer na memória do povo de que ele é importante”³². Isso ocorre naturalmente porque, de acordo com Pierre Nora (1981, p. 15), “á medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que

³⁰ (Entrevista), Ibid., 2016, p. 05.

³¹ Ibid., 2016, p. 08.

³² (Entrevista), Ibid., 2016, p. 13.

foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história”. Como em Triunfo nunca houve uma memória de um grupo sobrevivente da batalha este é o meio mais prático de torná-la viva.

Para alcançar os objetivos propostos pelo projeto, era preciso contar com a ajuda de alguns símbolos que atribuiriam grande valor a memória da Confederação do Equador, dentro mesmo da história local e nacional. “Parece que o elemento crucial foi a invenção de sinais de associação a uma agremiação que continha toda uma carga simbólica e emocional, ao invés da criação de estatutos e do estabelecimento de objetivos da associação”, outrora afirmou Hobsbawm, ao tratar da invenção das tradições, não se consegue alcançar esses objetivos pela simples associação entre narrativas e objetos é preciso construir símbolos que despertem sentimentos. Diante da diversidade simbólica existente, o memorial, o herói, o hino, bandeira, o feriado e a festa cívica, que foram incorporados ao projeto para proporcionar a condição de memória coletiva ao evento.

Em relação ao memorial Damísio Mangueira destacou que

(...) se tornou interesse coletivo a partir do momento em que a gente achou importante de que isso fosse passado a memória do município através de uma concretização, através um marco urbanístico, (...) e a gente conseguiu captar recurso para poder fazer o Memorial e tentar passar pra essa e para as futuras gerações um fato extremamente importante, não só pra história do município como para a História do Nordeste, de todo Brasil³³.

Outro símbolo extremamente importante é o herói. A história que ganha destaque é ainda a história dos homens ilustres, dos mártires, heróis do povo, e nesse contexto, Frei Caneca, o mártir do movimento, iria integrar a representação simbólica. “Por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, o herói nos diz menos sobre si do que sobre a sociedade que produz” (CARVALHO, 1990, p. 14) o herói é elemento indispensável.

Logo quando a gente foi estudando a história e vendo a participação do Frei Caneca né no movimento a gente viu de que a figura mais emblemática da Confederação tinha sido até mesmo pelo fato dele ter sido fuzilado né os outros fugiram Dias, Paes de Andrade, parece que fugiu né, não sei se houveram outros fuzilamentos, mas o que tornou um mártir do movimento foi Frei Caneca, então a ideia de colocar a sua estátua como sendo uma

³³ (Entrevista), Ibid., 2016, p. 04.

figura de destaque do movimento foi justamente pela repercussão nacional que teve da sua participação e da sua morte em função do movimento ³⁴.

Dois símbolos ocupam-se de reforçar laços identitários a uma comunidade, a execução do hino e o hasteamento da bandeira. Propõem despertar um sentimento coletivo, patriótico, o indivíduo se enxerga como parte de um grupo. Contudo, Triunfo não possuía um hino e a bandeira não tratava de unir os elementos capazes de instaurar esse sentimento, por isso era necessário criar um hino para o município e promover a alteração no desenho da bandeira, pois só assim eles passariam a assumir verdadeiramente o seu papel de representar uma comunidade. Conforme declara José Murilo, (1990, p. 14-15):

Modernamente alguns símbolos nacionais se tornaram de uso quase obrigatório, como a bandeira e o hino. Tornaram-se identificação oficial de países. (...). A história de hinos e bandeiras constitui, assim, outro instrumento analítico para explorar o conteúdo valorativo ou mesmo ideológico de regimes políticos, se não de sociedades inteiras.

O feriado que se configura como o dia da realização da festa cívica traduz grande importância, por celebrar a existência de todos os outros elementos simbólicos. Ao proporem a lembrança de fatos, de feitos heroicos passados a serem recuperados, as festas contribuem para legitimar e dar coesão social à nação. (OLIVEIRA, p. 1999, 181). No momento de elaboração do projeto já foi considerada a possibilidade de criar o feriado para reunir todos os outros símbolos numa grande celebração³⁵.

Até aqui notamos que a memória e o conjunto de símbolos por ela acionados dizem muito a respeito da sociedade e dos indivíduos que os produzem. Nesse caso particular o indivíduo que mais se beneficia dessa construção simbólica é Damísio Manguera, é por isso que precisamos conhecê-lo além do título de idealizador do Projeto da Confederação do Equador.

Triunfense, nascido em 21 de fevereiro de 1969, Damísio Manguera da Silva integra uma das famílias tradicionais da cidade, a família Manguera. Possui uma formação bem ampla em duas áreas completamente distintas. É técnico em Agropecuária³⁶, com especialização em inseminação artificial de suinocultura³⁷, médico veterinário³⁸, especializado

³⁴ (Entrevista), Ibid., 2016, p. 07-08.

³⁵ (Entrevista), Ibid., 2016.

³⁶ Em Barreiros, Pernambuco.

³⁷ Em Pitangueira, São Paulo.

³⁸ UFPB, Campus de Patos, em 1992.

em bovinocultura em clínica e cirurgia de bovino³⁹. Com formação posterior em Direito⁴⁰, com duas especializações em Direito Administrativo e Gestão Pública e Direito Penal, aprovado na OAB em 2015 e encontra-se cursando o mestrado em Direito ambiental. Desenvolver um projeto de grande repercussão, não era apenas uma brilhante ideia, como era também fruto da visão de um homem culto. Por ser triunfante e conhecer Damísio Mangueira sei que é portador de um saber natural, comunicativo e convincente, sua formação e atuação como prefeito só contribuíram para moldar e fortalecer essas características.

Iniciou sua carreira política aos 23 anos quando concorreu as eleições municipais pela primeira vez em 1992, na condição de vice-prefeito ao lado de Sudenil Soares da Silveira, pelo partido do PSDB, recebendo apenas 224 votos, sendo derrotado e ficando na última das três chapas. Voltou a concorrer novamente às eleições no ano 2000, dessa vez na condição de candidato a prefeito, pelo partido do PMDB, derrotado mais uma vez pela diferença de 55 votos em relação ao outro candidato. Após o resultado das eleições, logo em janeiro do ano seguinte, interpõe uma ação eleitoral contra o candidato eleito, chegando a ganhar causa e assumindo a prefeitura no dia 13 de junho de 2002⁴¹ até o fim do mandato.

É nesse momento tumultuoso na história política da cidade que se começa a desenvolver o projeto, em 2002 e 2003 são feitas as pesquisas, em 2004 é dado início as obras do memorial e em dezembro sua conclusão. Havia muitos descontentamentos por parte das pessoas que apoiaram o candidato cassado em relação ao desenvolvimento do projeto, e por isso surgiam questionamentos quanto a veracidade do episódio, que era tido simplesmente como objeto de marketing para exaltar a imagem de Damísio Mangueira. Mas a objetividade do projeto e os elementos que este faz uso para instituir a memória tomam conta de minimizar essa concepção.

Em 2004 candidatou-se novamente, pelo PSDB, ganhando a eleição com maioria de 1.344 votos, e se mantendo no cargo de prefeito por mais quatro anos. Já não podia se candidatar novamente em 2008, foi então que apoio a candidatura de seu tio materno, Itamar Mangueira de Sousa, conseguindo elegê-lo com a maior de 1.463 votos. Durante o período o mandato de Itamar Mangueira, passou a residir em Cajazeiras, porém nunca esteve totalmente afastado da prefeitura. Aproximava-se o fim daquele mandato e começavam a surgir boatos

³⁹ USP, São Paulo.

⁴⁰ FAFIC, cajazeiras.

⁴¹ Segundo o próprio Damísio Mangueira em 17 de julho ele deixou o cargo que foi assumido pelo presidente da Câmara, mas retornando dias depois. (SILVA, 2011, p. 76).

quanto a possibilidade de Damísio Mangureira voltar a se candidatar ou a tentativa de reeleição de Itamar Mangureira, ou ainda a surgimento de outros nomes a assumirem “cabeça da chapa” da situação. E depois de algumas alianças e dissabores políticos, Damísio Mangureira se apresenta novamente como candidato da situação, disputando as eleições, de 2012, dessa vez pelo partido do PMDB, com Francisca Francilene Gonçalves, a até então vice de Itamar Mangureira, se elegendo novamente com a maioria de 920 votos⁴².

Durante seu primeiro mandato, que durou pouco mais de dois anos, Damísio Mangureira realizou grandes obras urbanísticas na cidade, buscou torná-la conhecida na região, e centro turístico. Entre todas as obras o monumento da Confederação do Equador se configura como a maior, pelo fato dos inúmeros símbolos que produziu associados a ela e principalmente pela repetição da comemoração que faz questão de realçar seu valor histórico e social, sobretudo coletivo. Nos dois mandatos posteriores ele construiu um número menor de obras, mas cuidou em preservar a história das já construídas. Ao longo do período que Damísio Mangureira esteve sem administrar a cidade, não foi dada muita importância a Confederação do Equador, as celebrações eram improvisadas e sem muita grandiosidade, em um desses anos não ocorreu nem o desfile cívico. Ao retornar a prefeitura começou a estimular a importância da celebração dessa memória.

Em 2011 Damísio lançou o livro *Os Labirintos do Triunfo*, produzido no período estava afastado da prefeitura, como já foi discutido anteriormente, o livro, que é uma espécie de autobiografia, trata de contar todos os detalhes importantes de sua vida política, onde apresenta as circunstâncias que o levaram a concorrer ao cargo de prefeito e as obras que realizou durante os dois primeiros mandatos. Ele narra ainda os principais acontecimentos da história de Triunfo. Uma obra importante para entender a pessoa de Damísio Mangureira e suas aspirações, do mesmo modo um suporte para estudar a história da cidade, já que tem pouco documento escrito a esse respeito. Dessa maneira concluímos que Pierre Nora (1990, p. 24) estava certo quando afirmou que “na mistura, é a memória que dita e a história que escreve. É por isso que dois domínios merecem que nos detenhamos, os acontecimentos e os livros de história, porque, não sendo misto de memória e história, mais os instrumentos, por excelência, da memória em história, permite delimitar nitidamente o domínio”.

⁴² Vê: SILVA, 2011; REVISTA EDIÇÃO ESPECIAL DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA. Dez/2011.

Ao aproximar a sua história e a de Triunfo Damísio Manguiera está se colocando também como objeto de memória e parte da história. Visto que se torna impossível dissociar a figura dele da história da Confederação do Equador, seja para enaltecer ou criticar o projeto, essas são condições aplicadas primeiro a Damísio, e em escala menor a sua equipe. Ele assim como os confederados recebe as homenagens, quando é apresentado com o primeiro a ter se preocupado em resgatar a história da cidade e “reparar essa falha histórica e incluir definitivamente o Triunfo no curso daqueles acontecimentos” (Triunfo em Foco, 2004, p. 10).

CAPÍTULO III

O TRIUNFO DA MEMÓRIA



Figura 10: Memorial da Confederação do Equador, Triunfo-PB 2016. Acervo pessoal.

Na produção da memória uma narrativa foi elaborada mediante a construção de um aparato simbólico que buscou criar um sentimento de pertença, de orgulho e identificação da população com a história apresentada a partir do patrimônio que se ergue. Porque assim é possível a história e a memória alcançarem a posterioridade quando “o patrimônio ocupa, atualmente, uma posição privilegiada nas configurações de legitimidade cultural, nas reflexões sobre a identidade e nas políticas do vínculo social. Do ponto de vista da legitimidade, ele tem a ver com uma antropologia jurídica e política de longa duração, permitindo inscrever-se em uma filiação e reivindicar uma transmissão” (POULOT, 2009, 199).

Ao tratar das festas da República, Lúcia Lippi (1999, p. 174) já afirmava que “datas, heróis, monumentos, músicas e folclore se conjugam na montagem da memória nacional e, se esta tem consistência, produz-se um importante reforço à coesão social”. E dada as suas devidas diferenças, a construção do Memorial da Confederação do Equador, que inclui a festa

cívica, o feriado, a reforma na bandeira e a criação do hino do município, pretende alcançar os mesmos objetivos que outrora almejavam os próceres da República.

Ora, não são unicamente os objetos mais sagrados de nossa tradição nacional que se propõe uma história da história; interrogando-se sobre os meios materiais e conceituais, sobre os procedimentos de sua própria produção e as etapas sociais de sua difusão, sobre sua própria constituição em tradição, toda a história entrou em sua idade historiográfica, consumindo sua desidentificação com a memória. Uma memória que se tornou, ela mesma, objeto de uma história possível. (Pierre Nora, 1984, p. 11)

Os objetos não são os únicos mecanismos que operam para instituir uma memória possível, mas certamente são os principais instrumentos utilizados para tornar a história concebível, esses objetos contam a história a qual estão designadas e do mesmo modo contam sua própria história. É justamente esse o objetivo desse capítulo, contar a história oculta dos símbolos, a sua elaboração e intencionalidade.

Patrimônio e memória caminham lado a lado, já que ao estarmos frente a um patrimônio, esse nos leva imediatamente a celebração de uma memória, do mesmo modo que fazer o resgate de uma memória coletiva nos remete a projetar monumentos grandiosos que retratam algo ou alguém. Quanto mais grandioso for o monumento, maior será também a sua representação para quem o observa. Contudo, a sua história e seu processo de construção não podem se ocultar diante de tal grandiosidade.

Trata-se, portanto do processo de construção da história e, conseqüentemente, dos monumentos à Confederação do Equador - que agora tornam-se objeto de discussão deste capítulo, pois consideramos indispensável compreender o monumento e sua história, passando a enxergá-lo além de sua estética, ou seja, não apenas como um monumento bonito e grandioso, mas repleto de minúcias históricas.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2003, p. 536-537)

Todos os símbolos da Confederação do Equador em Triunfo dever ser vistos como documentos para entender o processo de construção da memória desse evento, mas para isso é preciso descrevê-los e questioná-los, contextualizando-os de acordo com a sociedade que o fabricou.

3.1 – O Memorial

O símbolo da Confederação do Equador de maior destaque é o “Memorial da Confederação do Equador”⁴³, como é denominado pelo Ibram na programação da 12ª Semana de Museus⁴⁴. O monumento abriga um museu iconográfico, uma imagem talhada em alto relevo, uma estátua de Frei Caneca, o mártir da revolução, e é, sem dúvida, elemento essencial para essa pesquisa, porque nos fornece maior número de informações e gera mais questionamentos⁴⁵. São muitos detalhes que passam despercebidos por muitos, mas aqui serão investigados e problematizados.

Erguido no centro da cidade, está situado próximo aos principais prédios públicos, os edifícios da Prefeitura e da Câmara Municipal, por exemplo, como também do mercado público e da igreja matriz.



Figura 11: Vista aérea do centro da cidade de Triunfo. Podemos identificar em meios aos prédios o Memorial da Confederação do Equador. Fonte: Panoramio Google Mapas, em: 22/04/2016.

⁴³ A revista Triunfo em Foco, a. 1, 2004, denomina o monumento de “Memorial Triunfo”, a população local o tornou comumente conhecido como Praça do Memorial, contudo usaremos a denominação dada pelo Ibram.

⁴⁴ O museu só aparece nessa programação que é do ano de 2012, ao que parece não houve o cuidado, ou mesmo por falta de informação, por parte da administração local, de renovar o cadastro do museu no site do Ibram, que deve ser feito anualmente e dessa forma o museu perdeu o vínculo com o Instituto, não sendo renovado até o momento da realização desse trabalho.

⁴⁵ O monumento abriga ainda um palco em que todas as grandes Festas da cidade são realizadas neste lugar, o que leva muitas pessoas a conhecerem o memorial não por sua importância histórica, mas por ser a praça onde ocorrem as festas.

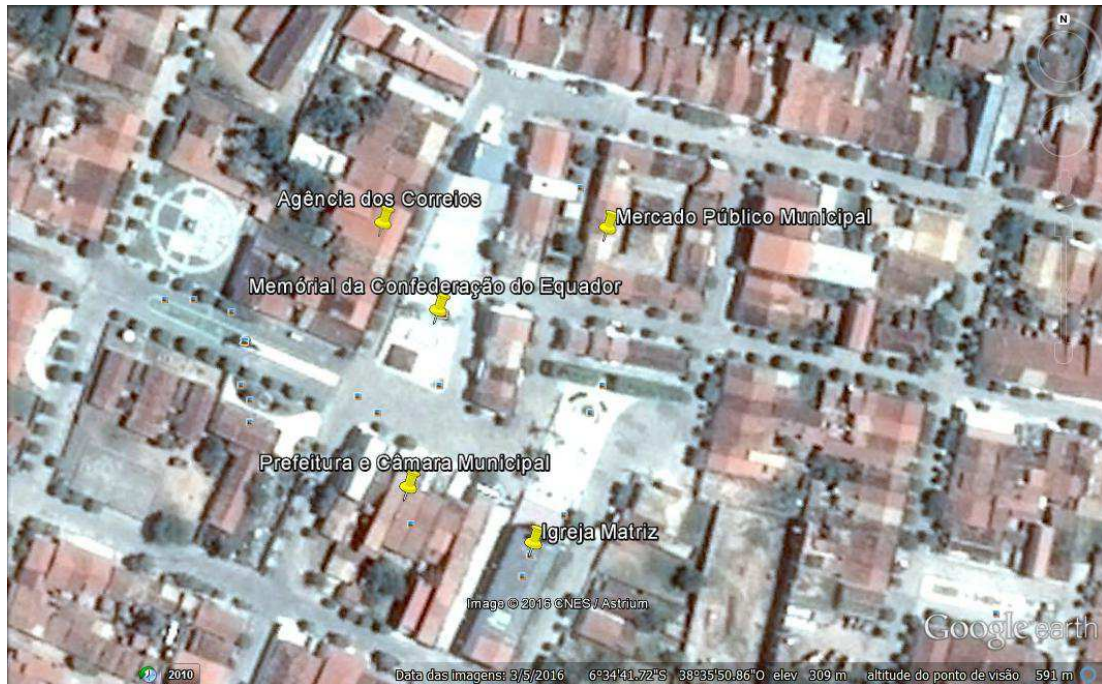


Figura 12: Imagem de satélite do centro da cidade de Triunfo. Percebemos a localização privilegiada do monumento. Fonte: Google Earth, em: 22/04/2016.

O espaço em que este monumento está inserido foi detalhadamente planejado, situando-o em um lugar que permite destaque necessário para alcançar a proporção de sentido histórico que a ele estava sendo designado. A princípio surgiram rumores de que a localização do monumento era referente ao lugar onde ocorreu a batalha, mas questionado quanto a localização do memorial Damísio Mangueira ressalta que não se trata do lugar onde ocorreu a batalha, pois segundo relatos que ele escutou a batalha teria ocorrido na “(...) parte mais alta da cidade, onde foi encontrado algumas valas comuns com ossadas humanas e onde sempre foi dito que houve essa batalha sangrenta (...)” e completou ainda dizendo que “(...) a localização apesar de ser próxima foi feita em função do posicionamento estratégico, de urbanismo, de localização, de visitação e até porque também era área central da cidade onde tem a disponibilidade também de terreno pra isso (...)” (Entrevista)⁴⁶.

Desse modo percebemos que, como afirma Le Goff (2003, p. 525), “de fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”. É notável que a localização do monumento já lhe conceda grande importância, porém outros elementos se

⁴⁶ Ibid., 2016, p.07.

associam a este para fazer com que este obtenha tamanha repercussão dentro e fora do espaço da cidade. Por ser um local onde se realizam festas, o espaço é utilizado na maioria dos eventos públicos da cidade, como: São João, Triunfest, feiras culturais, a festa da emancipação política da cidade e a própria festa da Confederação do Equador. A praça do memorial, como é popularmente chamada, é ponto de referência para os triunfenses e ganha força como objeto de identidade cultural. Como triunfense posso afirmar que é quase impossível não fazer referência a esse monumento, em contato com pessoas de outras cidades tem sempre alguém que ressalte a existência da praça e a história da Confederação do Equador.

É o patrimônio possuir maior facilidade em definir importância ao acontecimento a que se refere ou ao indivíduo que representa à medida que ganha a adesão da população. As ações do escultor, as obras por ele criadas tendem a falar mais alto que a própria história, ou melhor passam a contar a história. Quando nos deparamos com um monumento que retrata um acontecimento marcante na história, esse é registrado com maior facilidade em nossa memória. Porém a história pela história é de fácil esquecimento, a simples narrativa não evoca a memória com a mesma rapidez e intensidade que o monumento (POULOT, 2009). Observando o caso particular de Triunfo e retomando o que diz Poulot na relação entre patrimônio e história é inegável que o memorial é que destaca a Confederação do Equador, pois é justamente ele que faz a história ser construída e preservada, de certa forma buscando evitar qualquer esquecimento. Ao passar pela praça, ver a estátua de Frei Caneca, a imagem que representa a batalha é impossível desconsiderar todas essas informações, a celebração anual também contribui para a construção de um sentimento de identidade coletiva. Na semana do feriado as escolas municipais, de acordo com o calendário anual, devem trabalhar a temática da Confederação do Equador, muitos professores chegam a levar seus alunos para visitarem o memorial e conhecerem o Museu Iconográfico. Assim compreendemos que

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivessem ameaçados, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que ele envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para

deformá-los, transformá-los, sová-los e petrifica-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai e vem que os constitui: momentos de histórias arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as cochas na praia quando o mar se retira da memória viva. (Pierre Nora, 1984, p. 13)

Construir um monumento no centro da cidade, num lugar de destaque, onde é impossível que passe despercebido, tanto pela sua localização, quanto pela grandiosidade, é sem dúvida uma manobra para denotar maior evidência a ele.

Como já foi dito anteriormente é comum que as cidades busquem inserir-se num lugar da História nacional, principalmente as cidades de pouco destaque. Em seu estudo sobre a trajetória do monumento a Campos Sales na cidade de Campinas – SP, Uhle (2006) mostra que as cidades buscam firmar-se na história nacional e tornarem-se visíveis e o meio mais comum de conquistarem este espaço é a partir da construção de monumentos.

É necessário atentar para o interesse político dessa cerimônia e do prestígio que representava abrigar o túmulo de um estadista de projeção como Campos Sales. O sepultamento em sua cidade natal fortaleceria o elo de Campinas com a figura do político e, portanto, com a memória republicana. Era exatamente essa memória que dava a Campinas uma trajetória nacional. (UHLE, 2006, p. 19.)

Considerando as diferenças existentes entre o estudo do monumento a Campos Sales e o Memorial da Confederação, vale ressaltar que a cidade de Triunfo não se distancia deste propósito de ocupar lugar na história nacional. Este lugar que é, também, espaço de interesses políticos e econômicos. A construção da história não se dá por um acaso, existe uma intencionalidade. Nessa conjuntura “o patrimônio contribui, tradicionalmente, para a legitimidade do poder, que, muitas vezes, participa de uma mitologia das origens” (POULOT, 1956, p. 15) e vem tratar das relações de força e de interesse que estão em jogo. O historiador, ao tratá-lo, como documento deve estar sempre atento a perceber estas particularidades.

Para se fazer compreender em relação ao significado que o monumento possui, tanto para a cidade, quanto para este trabalho, é preciso analisarmos o todo e também por partes. O Museu Iconográfico será o primeiro a ser observado e problematizado. Ao passo que entendemos que a imagem é um dos meios mais eloquentes de evocar o passado. Diante de uma fotografia o indivíduo faz uma reflexão do seu passado, relembrando o momento e as condições em que aquela imagem foi registrada. O registro visual tem em si o poder de

sobrevivência de uma memória. “São os documentos fotográficos também um meio insubstituível de informação” (KOSSOY, 2012, p.113).

A princípio o acervo presente no museu consistia em fotos que contavam toda a história de Triunfo, não apenas da Confederação do Equador. De acordo com o número 1 da revista Triunfo em Foco o museu era montado em oito painéis, que acompanhava de um texto descritivo dos elementos, apresentavam uma tela em óleo da cena da Confederação do Equador, a galerias contendo a replica fotográfica das personalidades políticas da cidade, personalidade populares do município, personalidades não triunfenses, mas que foram importantes para a cidade, os principais eventos da cidade, a galeria representando o grupo composto por 40 negros oriundos do Quilombo existente em Pombal e a galeria Triunfo, que destacava as potencialidade e os valores no município presentes na economia, no esporte, no turismo e nos eventos em geral. O momento vivenciado pela cidade requeria uma exposição fotográfica que narrasse, em imagens, a história da cidade como um todo, nos aspectos políticos, religiosos, sociais e históricos, para assim alcançar a intencionalidade que a nova versão da história propunha. De acordo com Baxandall “parte do equipamento mental com que o homem organiza sua experiência visual é variável, e grande parte desse equipamento variável é culturalmente relativo, no sentido de ser determinado pela sociedade que influenciou sua experiência” (BAXANDALL apud GASKELL,1992, p.260)



Figura 13: Primeiro acervo do Museu Iconográfico, 2011. SILVA, 2011.

Passados alguns anos as fotos que compunham o acervo do museu foram retiradas e em seu lugar foram postas placas de vidro com imagens que trataram de relatar especificamente o episódio. Contar a história da batalha naquele momento tornava-se mais significativo, e dessa forma o monumento em sua totalidade é uma homenagem à batalha, ou à memória da mesma. As imagens presentes no museu passam a ser “o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes na cena” (KOSSOY, 2012, p. 38-39). As imagens reproduzem a cena do real, ou imaginário de quem a produziu, nesse contexto cabe ao historiador ser também observador e crítico levando em consideração as condições e finalidades das mesmas, o período que foi produzido e a evocação e interpretação do passado que as mesmas são capazes de provocar (GASKELL, 1992).

À medida que o conceito de *documento* se amplia, as imagens da Confederação do Equador se configuram como fontes documentais, assim como o documento escrito. Assim como os demais documentos, as imagens são lugares de memória, uma memória coletiva que “valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural” (LE GOFF, 2003, p. 532).

As placas que hoje integram o acervo do museu são em sua maioria compostas por textos e fotografias. Vistas da porta de entrada do museu temos do lado esquerdo quatro placas, a primeira trata de explicar o que foi a Confederação do Equador e traz a imagem de Frei Caneca, a segunda e a terceira ocupam-se de expor a Constituição de 1824 ao lado a figura do Imperador Dom Pedro I e de um fragmento da Constituição respectivamente. Por fim a placa que retrata o governo provisório com a imagem associada de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, quando se encontrava como chefe da Revolução de 1824.



Figura 14: Detalhe interior do Museu Iconográfico, 2015.

Do lado direito a primeira placa exhibe novamente a imagem de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, em um outro momento, agora quando senador do Império, junto a trechos do manifesto da Confederação do Equador, depois segue a imagem do comandante do exército legalista, Brigadeiro Lima e Silva, ao lado do relato das circunstâncias que levam ao fim do movimento e a execução de Frei Caneca. A terceira placa apresenta as principais batalhas registradas na Paraíba anexada a figura do Coronel José Maria Ildefonso Jácome Pessoa, major da artilharia do Exército Revolucionário. Para terminar a sequência de placas está a placa que traz o mapa localizando os Estados Confederados, com suas bandeiras, e a bandeira do movimento.



Figura 15: Detalhe interior do Museu Iconográfico, 2015.

No centro do museu encontram-se sete placas, da esquerda para a direita temos primeiro a descrição do Morticínio de Picadas e a fotografia do Coronel José de Barros Falcão de Lacerda, a sequência da descrição ainda se encontra na segunda placa que exhibe ainda uma fotografia da Fazenda Acauã em Sousa-PB, onde Frei Caneca teria sido preso. Depois encontramos a descrição da prisão dos líderes do movimento segundo Rosilda Cartaxo acima da imagem da fachada da igreja do Terço, em Recife-PB, onde Frei Caneca teria perdido seus títulos religiosos. Ao centro a imagem de Maria de Lourdes Abrantes Gonçalves, sobrinha e herdeira da espada que pertenceu a Dantas Rothéa. Depois temos o relato da repressão iniciada contra o movimento juntamente com a figura de Natividade Saldanha, secretário da Confederação do Equador. As duas últimas placas tratam de narrar sobre Frei Caneca, a sua atuação no movimento e depois sua execução, as imagens ligadas a narrativa são justamente: na primeira placa o busto do revolucionário e na segunda a fachada da igreja do Carmo, cuja ordem pertenceu e lugar onde foi sepultado.



Figura 16: Detalhe interior do Museu Iconográfico, 2015.

A fotografia, assim como as demais produções iconográficas, é acima de tudo uma escolha, que representa interesses pessoais, sociais e políticos. “Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2012, p. 38) e quando se propõe criar instituições que eternizem essa produção visual o poder da imagem se torna ainda maior.

O *Memorial da Confederação do Equador* conta ainda com uma espada, a mesma possui grande valor simbólico para aqueles que são responsáveis pela criação do museu em razão do sentido histórico que lhe é atribuído. De acordo com Damísio Manguiera, o idealizador do museu, trata-se de uma espada que pertenceu a José Dantas Rothéa, o líder imperialista do sertão do Rio do Peixe, e refere-se a “um elemento importante de lembrança” (Entrevista)⁴⁷ e, por sinal, configura-se no único objeto da época que compõe o acervo do museu.

A importância da espada é evidenciada já pela forma que está posta no museu. Dentro de uma caixa de vidro sobre um almofadado vermelho e erguida em pilares de mármore no

⁴⁷ Ibid., 2016, p.03.

centro da sala, denotando, de certo modo, imponência a tal elemento símbolo do “Morticínio de Picadas”, mas também das batalhas em geral. Essa forma de apresentação de objetos sacralizados é comum nos altares da pátria difundidos após a Revolução Francesa.

Um detalhe importante diz respeito a condição da espada ser o símbolo do Morticínio de Picada sem que haja nenhum registro documental que afirme da mesma foi manuseada durante a batalha, toda informação que temos sobre a espada é o fato de ter pertencido a José Dantas Rothéa, mas nenhuma evidência existe que ligue o dono da espada ao morticínio e muito menos a provável utilização desta naquele episódio.

Tornar a espada mais um símbolo importante diante dessa narrativa é o que Hobsbawm descreve como o aspecto “mais interessante” dentro do processo de invenção das tradições, de modo que se configura como “a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais”. A sociedade vai buscar no passado elementos que caracterizem as novas tradições. Hobsbawm completa dizendo que “sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas” (1984, p. 14) para consolidar a utilização do símbolo.



Figura 17: Espada pertencente a José Dantas Rothéa. Museu Iconográfico do Memorial da Confederação do Equador, 2015.

O símbolo por si só já denota grande valor a memória e a tradição, mas a descrição desse vinculando-o com a história nacional fortalece ainda mais o seu significado “isso porque toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (HOBSBAWM, 1984, p. 21). Em vista disso é que se destaca que entre as placas uma se dedica a explicar a origem da espada. De todos o objeto escolhido para representar a Confederação do Equador com Triunfo foi a espada, símbolo das lutas e guerras do passado. Mesmo que os autores que descrevem a batalha relatem que o morticínio se deu por falta de munição das tropas republicanas, contudo são as espadas que ganham lugar na indumentária do evento. Talvez porque a espada represente a ideia de luta direta e resistência, já que na memória triunfense os confederados são vistos como aqueles que foram valentes soldados até o fim, a arme fogo certamente não iria obter a mesma aceitação no imaginário coletivo que a espada, à medida que a primeira é considerada como objeto de destruição sem precedentes.



Figura 18: Placa que explica a origem da espada do Museu Iconográfico do *Memorial da Confederação do Equador*, 2015.

A espada torna-se o símbolo do movimento que faz lembrar aquele evento sangrento, passando a estar presente em diversos momentos. Temos ainda duas espadas cruzadas presentes no arco existente no centro da praça e no alto relevo que faz parte do memorial, obra de Deusdedit Seixas. Como assevera Hobsbawm:

“É natural que qualquer prática social que tenha de ser muito repetida tenda, por conveniência e para maior eficiência, a gerar um certo número de convenções e rotinas, formalizadas de direito ou de fato, com o fim de facilitar a transmissão do costume” (HOBSBAWM, 1984, p. 11).

A repetição do símbolo gera maior aceitação e impede o esquecimento, tornando-se ainda uma memória coletiva, não assume valor por acaso, mas por claro interesse. Assim, “o patrimônio deve ser entendido como uma forma de reorganização racional dos recursos para a nova coletividade, ao contrário dos usos que esta ou aquela herança poderia ter imposto, anteriormente, a determinada comunidade” (POULOT, 2009, p. 97).



Figura 19: Arco do *Memorial da Confederação do Equador*, 2015.



Figura 20: Detalhe das espadas no arco do *Memorial da Confederação do Equador*, 2015.

Por fim, outro elemento que foi colocado na praça depois da inauguração e que possui grande significado na composição do cenário que reforça a memória da Confederação do Equador é a estátua de Frei Caneca, um dos mártires do movimento e, sem dúvida, o de maior repercussão na historiografia nacional. De acordo com José Murilo de Carvalho (1990, p. 55) “heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva”. Desse modo, esse era certamente o símbolo que faltava para fortalecer a narrativa, a exaltação da figura de mártires, de heróis é uma notável tentativa de legitimação de memória oficial celebrativa.

A obra é do escultor paraibano Hélio César Barros, trata-se de uma estátua em tamanho quase real de Frei Caneca, com suas vestes religiosas, calçado em uma sandália o que parece ser de couro, algo que passa a ideia de simplicidade, encontra-se amarrado a um tronco e posto para a ser executado. Com um olhar longínquo e cabisbaixo, emite um sentimento de melancolia, sofrimento, diferente do que escreve a historiografia a respeito do revolucionário, como veremos a seguir. A estátua está posta no canto direito da praça, em frente ao palco virada para o oeste, sobre um pedestal, onde tem uma placa metálica contendo o nome do mártir, a data e o local de sua execução. A obra é impossível de passar despercebida ao mesmo tempo tal símbolo fomenta a memória do movimento e produz um sentimento patriótico.



Figura 21: Estátua de Frei Caneca, *Memorial da Confederação do Equador*, 2015.

Salientamos ainda que nas placas que estão dentro do museu, duas delas retratam a figura de Frei Caneca, uma delas muito semelhante ao que seria uma fotografia do mesmo, já a outra corresponde a imagem do busto do Frei Caneca. As expressões faciais instituem sentimentos distintos em cada uma das imagens. A primeira corresponde a um homem maduro, convicto de seus ideais, forte e resistente, a segunda, do busto, parece um jovem idealista, porém racional e seguro dos propósitos pelos quais lutava, de cabeça erguida como sinônimo de autoridade. Por fim a estátua remete a um jovem revolucionário que ver sua luta interrompida, antes que atinja seu propósito, como já citei anteriormente propaga aflição, angustia.



Figura 22: Da esquerda para a direita: Imagem de Frei Caneca, placa do Museu Iconográfico; Fotografia do busto de Frei Caneca, placa do Museu Iconográfico; Estátua de Frei Caneca, *Memorial da Confederação do Equador*.

José Murilo realiza um debate interessante em torno figura de Tiradentes em comparação com Frei Caneca e, conforme o autor, ambos tinham os mesmos ideais revolucionários de defesa da República. Frei Caneca era um competidor direto de Tiradentes “ao título de herói do novo regime” (1990, p. 67), porém os sulistas conseguiram fazer com Tiradentes o que os nordestinos ainda tentam fazer com a figura de Frei Caneca e a vitória de Tiradentes deu-se por um fator geográfico, de modo que

Tiradentes era o herói de uma área que, a partir da metade do século XIX, já podia ser considerado centro político do país – Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, as três capitânicas que ele buscou num primeiro momento, tornar independentes. Aí foi também mais forte o republicanismo e mais difundidos os clubes Tiradentes. O Nordeste, ao fim do século XIX, era uma região em decadência econômica e política e não se distinguia pela pujança do movimento republicano (CARVALHO, 1990, p. 67).

Ainda segundo o autor, outro elemento importante nessa disputa que fornece a Tiradentes o título se refere ao fato de que

Frei Caneca e seus companheiros tinham se envolvido em duas lutas reais em que houvera sangue e morte. Morreu como herói desafiador, quase arrogante, num ritual seco de fuzilamento. Foi um mártir rebelde, acusador, agressivo. Não morreu como vítima, como portadores das dores de um povo.

Morreu como líder cívico e não como mártir religioso, embora ironicamente, se tratasse de um frade (CARVALHO, 1990, p. 67).

Desta forma, a estátua de Frei Caneca trata de torná-lo o herói que outrora não conseguiu ter maior destaque na história nacional, uma luta de poder associada à cristianização de Tiradentes, que foi capaz de impedi-lo de tornar-se o herói nacional. Mas agora, unido a documentos e um conjunto de símbolos, ele se fortalece como herói regional e passa a integrar, pelo menos dentro da narrativa e representação local, um herói nacional, o mártir da República do Equador. “O domínio do mito é o imaginário que se manifesta na tradição escrita e oral, na produção artística, nos rituais” (CARVALHO, 1990, p. 58) e nesse instante a obra de arte alcança o seu real objetivo que é justamente “prolongar a lembrança das ações úteis e em fazer viver, durante muito tempo, a memória dos benfeitores da humanidade” (POULOT, 2009, p. 98-99).

Retomando a discussão das imagens como documento e do poder de evocação que as mesmas provocam, destacamos a obra do artista Deusdedit Seixas, que trata de reproduzir o cenário do “Morticínio de Picadas”. O alto relevo contém detalhes peculiares daquele evento. Para facilitar o estudo da obra, recorreremos à realização de uma entrevista com o próprio Deusdedit Seixas, na busca de compreender o processo de produção da narrativa de um episódio histórico por meio da imagem.

De acordo com Ivan Gaskell (1992) o material visual, as artes, tende a retratar heróis construídos para revelar as mais diversas intenções e, entre essas, está o caráter histórico da ligação entre presente e passado. Uma obra é condicionada à existência mediante alguns fatores indissociáveis a ela. Desse modo, um material visual traz em si a “concepção do artista e da percepção do relacionamento dele (e muito ocasionalmente dela) com a arte na tradição ocidental” (1992, p. 244). Outro aspecto pertinente a um material visual é a legitimidade deste, são detalhes e características específicas à obra que a classificam como pertencente a uma época ou temática particular. Contudo, a análise de uma obra está condicionada à relação entre conhecimento e opinião que a classificaram como similar ou não a outras obras e outros artistas.

Em vista disso, percebemos que a obra de Deusdedit Seixas corresponde às observações feitas por Gaskell e requer uma análise criteriosa. Datada do ano de 2004, a obra levou cerca de três ou quatro meses para ser concluída. A encomenda foi realizada por Damísio Manguera com a finalidade específica de ilustrar o episódio do “Morticínio de

Picadas” e integrar a simbologia que compunha essa narrativa, sendo entregue um dia antes da inauguração do Memorial da confederação do Equador⁴⁸.

De acordo com Deusdedit Seixas a escolha do seu nome para ser o autor da obra ocorreu mediante o seguinte critério de seleção: “se procurou dar mais uma oportunidade a quem era da região, no caso como só eu fazia o trabalho de modelagem em cimento, então foi quase que unanimidade” (Entrevista)⁴⁹. A obra materializava a necessidade dos idealizadores do Memorial em representar visualmente o evento, que se configura como uma ação comum na tentativa e cristalizar a memória, de modo que “uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida” (KOSSOY, 2013, p. 113). Sem dúvida a imagem apresenta traços específicos do trabalho do artista, mas o que se evidencia são os detalhes, indispensáveis para caracterizar o evento.

Alguns elementos se configuram como presença obrigatória na imagem, são eles, segundo Deusdedit Seixas, “(...) de fundo é a serra que representaria exatamente o local (...), os soldados e os revoltosos em ato de batalha e a vegetação que seria uma descrição do sertão” (Entrevista)⁵⁰.



Figura 23: Deusdedit Seixas. Morticínio de Picadas. Gravura, ano 2004. Acervo pessoal do artista.

⁴⁸ SEIXAS, Deusdedit de Abreu. **Entrevista**. [ago. 2016]. Entrevistador: Clébia Valêsa Gonçalves Soares. Cajazeiras, 2016. 2 arquivos .mp3 (10 min.).

⁴⁹ Ibid., 2016, p.02.

⁵⁰ Ibid., 2016, p.05.

Estes elementos foram construídos a partir dos relatos de Damísio Manguiera, que pela fala do artista se mostrou o tempo inteiro atento às particularidades que designavam a obra o alcance a que se objetivava, “(...) a gente foi montando o desenho, eu ia apresentando a ele e de acordo com a opinião dele a gente ia confeccionado o desenho” (Entrevista)⁵¹. Logo percebemos que das imagens só conhecemos o que nos permitem conhecer, do mesmo modo a posteridade só poderá conhecer aquilo que lhe for permitido, a partir da escolha do grupo social que a concebe. Damísio Manguiera funciona como uma espécie de conselheiro iconográfico, responsável pelo conteúdo simbólico da obra.

Salientamos que, por tratar-se de uma imagem de batalha, a obra se assemelha com outras imagens do gênero. Uma obra de arte encomendada para um fim específico como foi essa, teria que conter detalhes para atingir seu propósito dentro da construção da memória, sua função era fortalecer a memória, mas não podemos desconsiderar que a obra é também a identidade e concepção do artista. Isso fica claro quando olhamos com um olhar curioso para a cena. Como já sabemos a serra e a vegetação eram elementos obrigatórios a compor o cenário, mas mesmo assim percebemos alguns contrastes. A serra imponente e símbolo de beleza consegue ser menor que a fúria dos imperialistas, observamos que as espadas estão mais altas que a esta. A narrativa afirma que a batalha ocorreu no dia 17 de outubro, nesse é o período que o sertão vive a época da estiagem e quase todas as árvores encontram-se sem folhas, e vemos na cena algumas árvores secas, mas tem uma no canto direito que se opõe a essa condição e está com sua copa repleta de folhas. Essa árvore colocada ao lado da casinha de taipa e do curral, onde um boi assiste toda a cena de destruição transparecendo uma tranquilidade passa o sentimento de calma, de uma vida pacata do sertão, confrontando-se com a descrição de um grande massacre.

⁵¹ Ibid., 2016, p.02.



Figura 24: Detalhe da casa de taipa, o boi no curral e árvore na obra de Deusdedit Seixas.

Compõem o cenário alguns homens empunhando armas e outras armas jogadas ao chão, homens mortos posicionados uns sobre os outros, fortalecem o relato que alguns sobreviventes se encontravam embaixo dos corpos. Tem ainda o que seria o momento exato que um confederado estava a ser atacado e ferido por dois imperialistas, mas a imagem desse confederado é de um homem simples, sertanejo, inocente e não de um homem forte e valente que lutava por ideal republicano, pertencente a uma conjuntura muito mais complexa e elaborada. Devemos observar também que enquanto os imperialistas estavam fardados e não perderam em nenhum momento essa caracterização, os confederados por outro lado não possuíam nenhum elemento caracterizador.



Figura 25: Detalhe dos corpos amontoados no chão e o momento que um confederado é atacado por dois imperialistas.

A posição dos elementos na cena nos remete a algumas imagens clássicas como, por exemplo, da Independência do Brasil. De tudo, destacamos o que chama mais atenção, um homem sobre o cavalo empunhando uma espada, muito semelhante a postura de Dom Pedro I na obra “Independência ou Morte”, de Pedro Américo (1886-1888), igualmente semelhante à “Proclamação da Independência”, de François-René Moreaux (1844). Essa semelhança é justificada pelo fato de Deusdedit ter usado como referências iconográficas as imagens presentes nos livros de história e a revista “Texas” para poder retirar a anatomia dos cavalos e soldados e principalmente do aspecto da batalha (Entrevista)⁵².

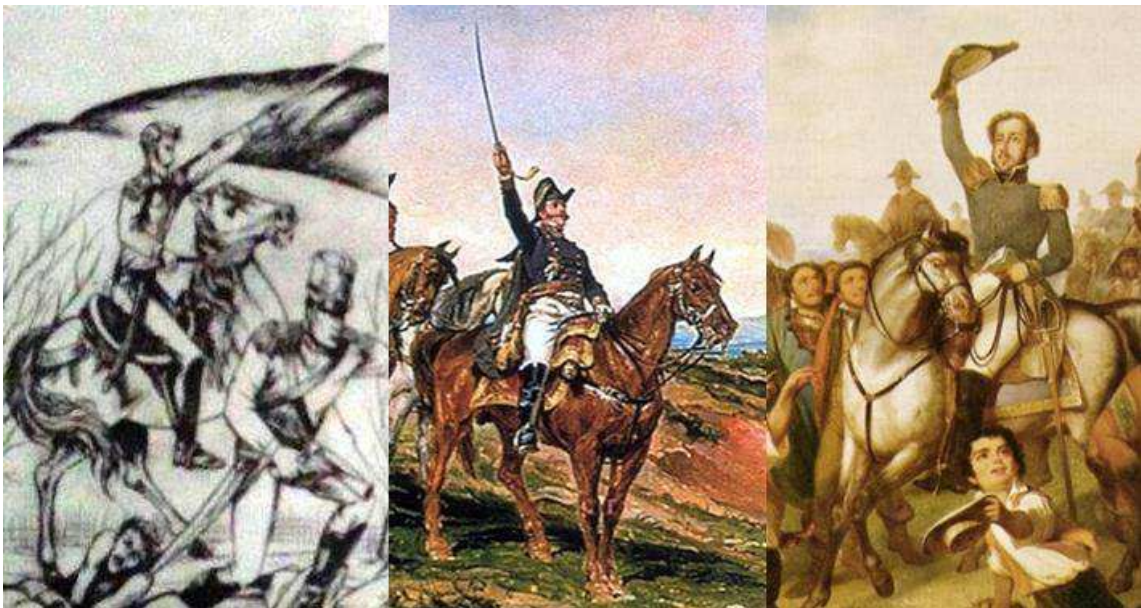


Figura 26: Da esquerda para a direita: “Morticínio de Picadas”, Deusdedit Seixas (2004); “Independência ou Morte”, de Pedro Américo (1886-1888); “Proclamação da Independência”, de François-René Moreaux (1844).

Atentamos ainda a importância da espada no memorial, este símbolo ganha mais força na memória produzida pela obra de arte do que pela narrativa textual. A espada erguida é a referência comum dos grandes heróis, e nessa narrativa invertida, onde o anti-herói que possui o símbolo da vitória, não é diferente. Do mesmo modo que temos a memória do herói, quando Dom Pedro I ergue a espada dispomos da memória dos republicanos a partir da imponência dos imperialistas. Dessa maneira é por meio da obra de Deusdedit Seixas que a espada se torna o símbolo da batalha e não da narrativa de Rosilda Cartaxo.

Todos os elementos que compõem o Memorial da Confederação do Equador são resultado da busca de legitimidade de uma memória coletiva a construída a partir do

⁵² Ibid., 2016, p.02.

sentimento nacionalista. Esse sentimento parte da concepção de que o indivíduo sozinho torna-se incapaz de lembrar, a lembrança é a uma condição que parte da concepção de identidade coletiva. Nessa conjectura “o passado torna-se referência com a condição de que seja transmitido como tradição; por sua vez, a autoridade torna-se tradição com a condição de apresentar-se historicamente” (ARENDDT apud POULOT, 2009, p. 97).



Figura 27: Conclusão parte inferior do palco onde está a imagem em alto relevo do Morticínio de Picadas. Ano 2004. Acervo pessoal de Deusdedit Seixas.

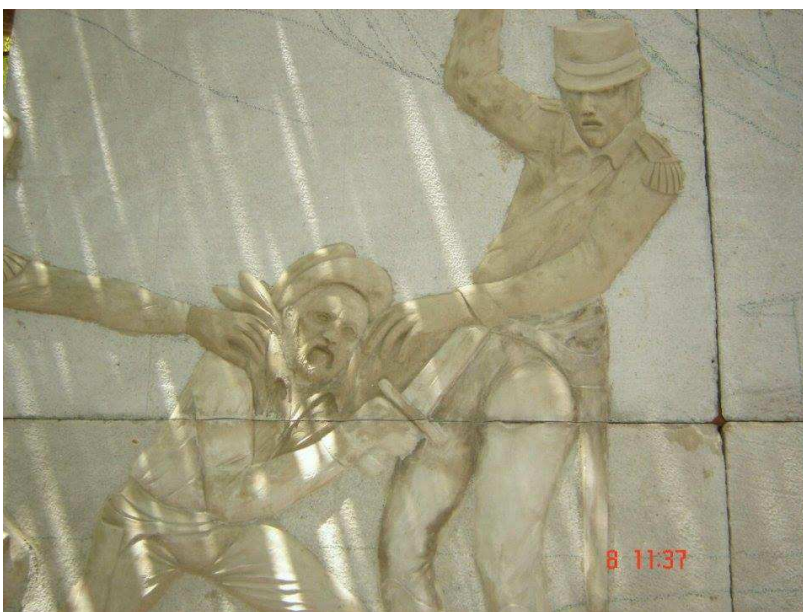


Figura 28: Detalhe da imagem em alto relevo do Morticínio de Picadas. Ano 2004. Acervo pessoal de Deusdedit Seixas.



Figura 29: Parte inferior do palco onde está a imagem em alto relevo do Morticínio de Picadas. Ano 2016.

3.2 – Cultura Imaterial: Festa cívica

O ritual republicano que caracterizava a memória da Confederação do Equador estava sendo realizado cuidadosamente. Primeiro a narrativa, depois o monumento, a significação dos símbolos e para cumprir o protocolo mais dois elementos ganhavam repercussão: a festa cívica e o feriado.

A festa cívica compreende “um conjunto de rituais bastante eficaz em torno destas ocasiões: pavilhões para os festivais, mastros para as bandeiras, templos para oferendas, procissões, toque de sinetas, painéis, salvas de tiros de canhão, envio de delegações do Governo aos festivais, jantares, brindes e discursos” (HOBSBAWM, 1984, p.14) e integram ainda os desfiles, as inaugurações e as celebrações religiosas.

O início das festividades em torno desse evento ocorreu em 2004 no dia 22 de dezembro, dia em que a cidade comemorava 43 anos de emancipação política. A inauguração foi resultado final do projeto que Damísio Mangueira começou a desenvolver desde a sua posse como prefeito de Triunfo, como já foi dito anteriormente. O ato solene de inauguração contou com todas as honras comuns a esses eventos, mas pouca referência se fazia à Confederação do Equador que só foi ter grande repercussão em 17 de outubro de 2005, quase um ano depois.

A inauguração do *Memorial da Confederação do Equador* foi pouco relatada, apenas a revista *Triunfo em Foco* do ano de 2005 faz uma breve menção a esse acontecimento e traz duas fotos: uma do momento do corte da fita de inauguração e outra do interior do Museu Iconográfico.



Figura 30: Inauguração do Memorial Triunfo. Revista Triunfo em Foco. n. 2. 2005.

Em 2005 as comemorações ganharam mais força e repercutiram com maior eloquência na cidade, já com o suporte do feriado, o evento ocorreu associado a todo o protocolo de festividades, desfile, missa em homenagem aos mortos na batalha, discursos, onde as principais autoridades locais fizeram referência ao acontecimento de 1824. Aquela que seria a primeira de muitas festas cívicas decorrente deste episódio que seriam realizadas anualmente no dia 17 de outubro. Trata-se, segundo José Murilo de Carvalho, de “um fenômeno comum aos grandes eventos: a batalha pela construção de uma versão oficial dos fatos, a luta pelo estabelecimento do mito de origem” (1990, p. 35). Em 2004 o destaque teria sido dado à emancipação política, contudo, a Confederação do Equador precisava ganhar força para se manter como memória coletiva daquela sociedade e as festas cívicas poderiam alcançar esse objetivo, à medida que “a comemoração pretende exorcizar o esquecimento” (LIPPI, 1999, p. 173).

As comemorações possuem autoridade sobre o imaginário social e, dessa forma, “tradições inventadas”, ou mesmo tradições recentes, “se estabeleceram com enorme rapidez” e são tidas como antigas (HOBSBAWM, 1984). Desse modo as comemorações continuaram a ocorrer em Triunfo nos anos seguintes:

A exemplo de 2005, a 17 de outubro de 2006 o executivo municipal organizou comemorações cívicas que também contaram com a participação da comunidade local, do Exército Brasileiro e da Polícia Militar do Estado da Paraíba, além, é claro, de diversas autoridades da região que prestigiaram o evento. As atividades foram encerradas com um show musical na Praça do Memorial Triunfo, atraindo milhares de pessoas dos Municípios vizinhos. (Revista Triunfo em Foco, n. 3, p. 08, 2006).

Entretanto as comemorações que ocorrem em Triunfo não são algo inédito ou uma prática recente, sem precedentes e sem intencionalidade. De acordo com Lucia Lippi (1999, p. 173) “a Revolução Francesa foi prodiga em construir símbolos nacionais capazes de garantir coesão social em substituição à antiga tradição monárquica e aristocrática. Bandeira, hino, datas comemorativas, cerimônias, procissões, marchas, festas para a deusa da razão e heróis objetivam garantir a obediência, a lealdade e a cooperação dos súditos, ainda mais quando estes tinham-se tornado cidadãos”. O mesmo caso ocorreu com a República Brasileira que buscou instituir símbolos e heróis que fossem capazes de incorporar a sociedade aquela concepção de república implantada naquele 15 de novembro (CARVALHO, 1990).

Percebemos assim que as comemorações permitem que os episódios sejam lembrados, ou mesmo, que não sejam negados ou rejeitados. É preciso aproximá-los da sociedade no presente e, quanto mais grandiosa é a comemoração, maior o seu poder de imortalizar o passado. Citando o estudo de Mona Ozouf sobre a Revolução Francesa, Lucia Lippi (1999, p. 173) coloca “a utilização da festa revolucionária a serviço da memória e mostra que comemorar fez parte do programa revolucionário. As comemorações alimentam a recordação da revolução”. Assim sendo, podemos perceber que o contexto em que a Confederação do Equador está inserida na história de Triunfo segue os mesmos princípios que já tivemos outrora, no curso que segue a história à medida que, por exemplo, todas as cidades realizam esse mesmo ritual ao comemorar sua emancipação política ou relembrar a memória de um de seus cidadãos ilustres. É a exaltação da “origem” que segundo Nora (1981, p. 19) “mais que contribuía para dar a uma sociedade em via de laicização nacional seu sentido e sua necessidade do sagrado (...). Porque veneramos a nós mesmos através do passado”.

A comemoração ganha mais força com a criação do feriado em alusão a Confederação do Equador, no dia 17 de outubro, por meio da Lei Municipal Nº 405/2005 outorgada em 29 de agosto de 2005. A importância desse acontecimento é visível e digna de destaque de acordo com responsáveis pelo projeto. É notável tanto na terceira edição da revista *Triunfo em Foco* que descreve-o da seguinte forma: “O dia 17 de outubro em Triunfo, por força de lei municipal, é feriado. A data, mais do que significativa para nós, tem importância para a história do nordeste brasileiro e do Brasil” (Revista Triunfo em Foco, n. 3, p. 08, 2006).

Como também na fala de Damísio Mangueira ao afirmar que:

(...) é lei municipal, foi criado o feriado dia 17 de outubro e a festa cívica, a gente achou que seria o momento mais importante pra gente fazer a festa cívica do município bem mais do que até a data da emancipação, aquela do desfile né, porque a gente poderia fortalecer ainda mais essa memória do que houve e anualmente seria lembrado, que as pessoas poderiam buscar o melhor conhecimento se inteirar do que houve (Entrevista)⁵³.

O feriado possui grande autoridade dentro do protocolo de comemorações porque “a alteração do calendário pode ser tomada como exemplo extremo de que controlar o tempo se torna essencial ao poder” (LIPPI, 1999, p. 173). Não é necessário apenas que se saiba do fato, mas é preciso que ele tenha lugar de destaque na memória. E para atingir o propósito em torno do projeto, Damísio Mangueira, junto com sua equipe, que contava com dois historiadores, sabia disso. E ele faz questão de reforçar a intencionalidade durante sua fala, concluindo:

(...) mais uma vez ratificando a questão do feriado, é porque é importante pra que as pessoas consolidem isso como importante para o município, então, todos os anos, se a gente não tivesse feito feriado não fizesse a festa, talvez ali funcionasse apenas uma praça de dança mesmo, só pro povo dançar. Então o que faz que a memória do povo seja realizado é o feriado e a festa da Confederação (Entrevista)⁵⁴.

Decerto o feriado, ou a manipulação do calendário, é uma condição que torna a memória possível, também pela repetição, contudo, não é possível a qualquer indivíduo realizar tal façanha como, Le Goff nos deixa claro (2003, p. 478)

A conquista do tempo através da medida é claramente percebida com um dos importantes aspectos do controle do universo pelo homem. De um modo não tão geral, observa-se como, numa sociedade, a intervenção dos detentores do poder na medida do tempo é um elemento essencial do seu poder: o calendário é um dos grandes emblemas e instrumentos do poder; por outro

⁵³ Ibid., 2016, p.08.

⁵⁴ Ibid., 2016, p.13.

lado, apenas os detentores carismáticos do poder são senhores do calendário: reis, padres, revolucionários.

Concluimos então que só na condição de prefeito da cidade tal ação é permitida a Damísio Mangureira, que não é um acontecimento isolado, mas uma combinação de elementos que despertam ou constroem uma memória.

Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (HOBSBAWM, 1984, p. 10).



Figura 31: Primeiro desfile cívico da Confederação do Equador de 17 de outubro. Revista Triunfo em Foco. n. 3. 2006.



Figura 32: Destaque para as bandeiras dos estados participantes da Confederação do Equador no primeiro desfile cívico de 17 de outubro. Revista Triunfo em Foco. n. 3. 2006.

3.3 – O Hino, a Bandeira e a consolidação do ritual

Por fim, para completar o ritual e cumprir todo o protocolo que a ocasião lhe exigia, faltava o hino e a bandeira. Esses são, portanto, símbolos que denotam a identidade coletiva de uma sociedade e nascem da relação com o passado que o grupo que os produziu possui (HOBSBAWM, 1984, p. 19).

Estes símbolos, conforme relata José Murilo, geram condições de “manipulação do imaginário coletivo” (1990, p. 109), interferem na construção de uma memória coletiva, facilitando ou não a sua construção. Desse modo, de acordo com o autor “a batalha em torno da simbologia republicana deu-se também em relação à bandeira e ao hino. Não podia ser de outra maneira, de vez que são esses tradicionalmente os símbolos nacionais mais evidentes, de uso quase obrigatório” (CARVALHO, 1990, p. 109). Assim sendo, Triunfo estava em desvantagem, visto que não possuía hino e a bandeira não apresentava nenhum elemento que representasse a Confederação do Equador.

Em vista disso, em 03 de outubro de 2005 o prefeito sanciona a Lei Nº 417/2005 que institui como hino oficial do município a letra e a música do compositor João Gomes Torres, e torna obrigatória sua execução em todos os atos solenes do Executivo e Legislativo, em eventos de caráter cívico e nas unidades Educacionais do município. Dessa forma o hino já é executado no dia 17 de outubro do corrente ano.

ART.2º) A execução do referido hino passa a ser obrigatório em atos solenes dos poderes Executivo e Legislativo, eventos de caráter cívico e nas unidades educacionais do município.

Figura 33: Trecho da Lei Nº 417/2005 que institui a obrigatoriedade da execução do hino municipal.

A letra do hino buscou unir o aspecto histórico, religioso e natural. A Confederação do Equador é o elemento histórico que não poderia faltar, pois é de certo modo o impulsionador da construção do mesmo, a representação do passado por intermédio do novo, o nascedouro da comunidade triunfense. O aspecto religioso é abordado pela fé no padroeiro da cidade, *Menino Deus*, objeto de devoção dos triunfenses, e meio principal de conhecimento da cidade

nas regiões circunvizinhas e, por fim, a natureza é engrandecida pelo realce dado à serra, a mesma serra que deveria estar presente lá na obra de Deusdedit Seixas. Os dois últimos itens antes do surgimento da Confederação do Equador, já eram motivo de orgulho dos triunfenses e o hino, e posteriormente a bandeira, vem unir esses sentimentos. Ao tratar desses elementos dentro do imaginário republicano José Murilo já havia afirmado que “não é outra coisa que se pede de um símbolo nacional: a capacidade de traduzir o sentimento coletivo, de expressar a emoção cívica dos membros de uma comunidade nacional” (1990, p. 127).

Oh! Triunfo Jubilosa
 Tiveste em teu berço
 O impulso da vitória
 História de fé e aclamação
 A esperança, o teu amor
 É um bem, é um penhor
 Em cada coração

Jubilosa, terra querida
 De lindo arrebol
 Com ímpeto, fulguras
 A proteção da luz do sol
 Com ímpeto, fulguras
 A proteção da luz do sol

Ímpeto do morticínio
Da batalha que marcou
O martírio patriota
A Confederação do Equador
Assim conta a tua história
Gloriosa memória
*De quem triunfou*⁵⁵

Teu cenário a linda serra
 É a redoma que te exalta
 A proteger-te, a te amparar
 É a natureza a te alegrar

⁵⁵ Grifo nosso.

Lá no alto surge bela
 A Matriz do Deus Menino
 Onde a paz nos vem do sino

Na estrofe acima destacada, confirmamos a importância que é dada a Confederação do Equador, ressaltando a grandiosidade dessa memória, colocando-a em evidência junto com as demais memórias que compõem a história da cidade. Ao descrever como gloriosa a memória da batalha estabelece na comunidade triunfense um sentimento de orgulho com relação a memória que possui e a história que se escreve a partir da mesma. A memória precisa ganhar adesão social e essa é conquistada no momento que provoca a vaidade humana, ao afirmar que a batalha é uma “*gloriosa memória de quem triunfou*” por meio do hino se instaura no indivíduo a necessidade de se tornar parte dessa memória para também ser visto como grande e vitorioso. José Murilo outrora declarou que “a história de hinos e bandeiras, constitui, assim, outro instrumento analítico para explorar o conteúdo valorativo ou mesmo ideológico de regimes políticos, se não de sociedades inteiras” (1990, p. 14-15). Assim o hino passa a ser mais um reforço na construção da identidade social.

A bandeira não foi um símbolo que surgiu com a memória da Confederação do Equador, mas foi alterada, em 2013, passando a conter itens que remetiam diretamente à batalha como, por exemplo, os muros de uma fortaleza e duas espadas cruzadas, como as que estão no arco *do Memorial da Confederação do Equador*. A primeira bandeira possuía apenas o algodão, fazendo referência à economia local, em meio a raios verdes. A bandeira atual conta com maior riqueza de elementos: com um corte na diagonal, se preservou a imagem da primeira, agora menor, no canto inferior, posicionada à esquerda; no canto superior surge novamente a serra, representando a natureza; na parte superior do brasão encontram-se uma coroa mural, elemento de decoração comum nos brasões, tem uma antecedência muito antiga, mas em geral é comumente utilizada nos dias atuais sem muito pudor, diz respeito a evolução político-administrativa do município, diferindo no número de torres: a coroa de cinco torres, em metal prata, é para cidades; de cinco torres, em metal ouro, é privativa de cidade capital de estado; de quatro torres, para vilas e, de três torres, para as demais povoações. Por fim atrás do brasão as duas espadas cruzadas, representando o massacre sangrento que teria sido o “Morticínio de Picadas”, característica também da resistência paraibana em aderir à revolta contra o Império, em especial à capacidade dos líderes do Sertão do Rio do Peixe de impedir que as tropas republicanas pudessem seguir sertão a fora.



Figura 34: Primeira bandeira do município.



Figura 35: Atual bandeira do município.

Vistos de longe, sem serem problematizados, esses pormenores passam despercebidos, contudo, lançando sobre eles um olhar investigativo, questionador, identificamos que os objetos e os lugares que eles assumem dentro do conjunto nos fazem recordar algo comum a muitos outros eventos e “quando analisamos esse conjunto e lançamos atenção a cada uma dessas partes, é como se dissecássemos um pensamento em que se confundem as contribuições de certa quantidade de grupos” (HALBWACHS, 2006, p. 158). Os objetos,

símbolos de uma tradição, não podem falar, mas conseguem nos fazer compreender a sua intencionalidade porque possuem um “sentido que familiarmente deciframos” e se desempenha como uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Mas o êxito e popularização desses só são possíveis por se voltarem “para as tradições culturais mais profundas, às vezes alheias à sua imagem” (CARVALHO, 1990, p. 128) foi assim na Revolução Francesa, na República Brasileira e, não distante, na narrativa de memória da Confederação do Equador em Triunfo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho busquei entender como e quando a memória da Confederação do Equador passa a ser celebrada na cidade de Triunfo. Levando em consideração o momento tumultuoso que a política da cidade estava vivendo no período nascedouro dessa memória, pois só assim torna-se possível compreender o surgimento dessa narrativa e a incorporação dos símbolos que designariam coesão social a mesma.

Memória diz respeito a lembrança e esquecimento de determinados eventos, enquanto que a história é a reconstrução científica e pontual da memória, e esta por sua vez é livre e sempre atual, a memória sobrevive também da ausência, e a recordação pode fazer uso ou não de estímulos, já a história segue normas e regras para existir e sobrevive pela ligação que tem com o passado. A memória ainda é entendida como individual ou coletiva. Uma é exclusiva do indivíduo ao mesmo tempo que a outra por ser coletiva corresponde a uma comunidade, a um grupo que compartilha das mesmas experiências, culturas, tradições. A primeira existe com base na segunda, é o que o indivíduo absorve da vivência com o grupo.

O evento que ocorre em Triunfo é um caso claro de construção de memória coletiva, onde da iniciativa individual, ou de um pequeno grupo, busca-se instituir uma memória que passa a representar toda a comunidade triunfense, essa memória por sua vez está enraizada na história nacional. Na construção desse imaginário coletivo são acionados alguns símbolos eficazes em garantir a aceitação e a preservação da memória, levando-a a vencer o esquecimento para que possa alcançar a posteridade. Para compreendermos essa ação foi preciso antes conhecer a história, os documentos que esta produziu, e analisa-los dentro de um conjunto simbólico do qual faz parte.

Fizemos uma análise historiográfica, bibliográfica, biográfica e documental. Apresentamos todos os símbolos construídos na cidade e analisamos cada um deles, mesmo que de maneira superficial, na tentativa de compreender o que ocorreu em 2004, quando do nascimento das celebrações sobre a Confederação do Equador, que continuou a ocorrer nos anos seguintes. Os símbolos que foram produzidos em Triunfo foram, o Memorial Triunfo, que é formado pelo Museu Iconográfico, a estátua de Frei Caneca, a imagem do Morticínio de Picada em alto relevo e o arco onde se encontram duas espadas cruzadas, a festa cívica, o feriado, o hino e a bandeira. Todos símbolos de caráter republicano seguem as mesmas

características celebrativas, o culto aos heróis e a construção de monumentos que tivemos lá na Revolução Francesa e no nascimento da República Brasileira. Todas essas práticas ainda colaboram para exaltar a história da cidade ao mesmo tempo que a insere na história nacional. A memória passa ainda a servir aos indivíduos que desenvolvem o projeto, que são também detentores do poder, político e intelectual. Uma vez que só sendo possuidores dessas propriedades para conseguir desenvolver de um projeto dessa dimensão.

No capítulo I dissertamos sobre a historiografia da Confederação do Equador em três momentos distintos: no campo da historiografia nacional, seguida da narração regional, onde se questionou a ausência dessa escrita na Paraíba e por fim como e quais as pessoas que se dedicam a escrever sobre esse movimento relacionando-o a Triunfo. No capítulo II buscamos para apresentar quem motivou e participou da execução do projeto da Confederação do Equador, como e em que circunstância ele surge. Já o terceiro capítulo nos propomos a apresentar, descrever e analisar os símbolos que foram incorporados a narrativa do episódio.

Todas as questões levantadas nesse trabalho se dirigiram para tentar entender como a memória é construída e passa a ser narrada, observando os caminhos que essa percorre até alcançar a relevância dentro da história. Certamente esse objetivo foi alcançado, mas temos a convicção de que essa pesquisa gera outros questionamentos pertinentes a essa abordagem. Esses questionamentos poderão levar a outras pesquisas ou mesmo a continuação dessa. Cada um dos capítulos dessa monografia pode gerar uma problemática e permitir uma nova pesquisa, mais detalhada de cada uma das partes. E por fim é isso que esperamos, que esse trabalho sendo o primeiro, a abordar essa temática, seja impulsionador de muitos outros que devam surgir.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos

_____. **De Picada à Triunpho: do bacamarte à oração. Apanhados históricos sobre Triunfo.** Prefeitura Municipal de Triunfo. Triunfo-PB, 2016. Disponível em: <<http://www.triunfo.pb.gov.br/historia/>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

ABREU, Wlisses Estrela de Albuquerque. **São João na colônia e no império: fazenda, povoado e vila (1691-1889).** Teresina, PI: Gráfica e Editora Halley S.A., 2015.

ALARCÃO, Janine Pereira de Sousa. **O saber e o fazer: República, Federalismo e Separatismo na Confederação do Equador.** Brasília-DF: 2006

ANDRADE, Antônio Aurélio Cassiano. (Org). **Triunfo em Picadas: e o fim da Confederação do Equador.** Campina Grande, PB: EDUFCEG, 2008.

ARARIPE, Pedro Jaime de Alencar. **A Confederação do Equador no Ceará para jovens.** ALENCAR, Maria Helena; ARARIPE, Guarani Valença de (Org.). Fortaleza: Premium, 2014.

BRANDÃO, Ulysses. **A Confederação do Equador (1824).** Recife: Oficinas Graphicas da Repartição de Publicações Officiaes, 1924.

CARTAXO, Rosilda. **Estrada das boiadas** (Roteiro para São João do Rio do Peixe). João Pessoa, PB: NOPIGRAL – Nova Paraíba Industria Gráfica Ltda, 1975.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **A República dos Afogados: a volta dos liberais após a Confederação do Equador.** In: XX Simpósio Nacional da ANPUH - História: Fronteiras, 1999, Florianópolis-SC. **Anais.** Florianópolis, SC: ANPUH, 1999. Jun/1999, v. 01. p. 485-499.

FILHO FIGUEIREDO, José de. **História do Cariri.** v. 2. Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

- GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IBIAPINA, Matos. **Confederação do Equador**. In: Revista Trimensal Do Instituto do Ceará. Tomo 40. a. XL. Fortaleza, 1926.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. ed. 5. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LEITE, Glacyra Lazzari. **Pernambuco 1824: A Confederação do Equador**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1989.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. **Pernambuco: da Independência à Confederação do Equador**. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1979.
- MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Gente Opulenta e de Boa Linhagem: Família, Política e Relações de Poder na Paraíba (1817-1824)**. Recife: 2005.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP: 1981. p. 07-28
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **As Festas que a República Manda Guardar**. Enredos Históricos. v. 2. n. 4. Rio de Janeiro: 1999. p. 172-189.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História. v. 27. n. 53. Jun/2007. p. 11-23.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SANTOS, João Brígido dos. **Efemérides**. [S.I.: s. n.], 1900.

SILVA, Damísio Mangureira. **Os Labirintos do Triunfo**. Teresina: Halley, 2011

SOUZA, Eusebio de. **História Militar do Ceará**. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1950.

STUDART, Barão de. **O Movimento Republicano de 1824 no Ceará**. In: REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Tomo especial, 1º Centenário da Confederação do Equador, Fortaleza, 1924. p. 613-618.

_____. **Parte Chronologica**. In: REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Tomo especial, 1º Centenário da Confederação do Equador, Fortaleza, 1924. p. 142-188.

UHLE, Ana Rita. **Da casaca ao pé da estação: história do monumento a Campos Sales**. Campinas, SP: 2006.

VALENTE, Paulo Giovanni Gomes. **Memórias da política, políticas da memória: o centenário da Confederação Do Equador no Ceará (1924)**. Fortaleza: 2014.

Entrevistas

SILVA, Damísio Mangureira. **Entrevista**. [ago. 2016]. Entrevistador: Clébia Valêscia Gonçalves Soares. Triunfo, 2016. 3 arquivos .mp3 (39 min.).

SEIXAS, Deusdedit de Abreu. **Entrevista**. [ago. 2016]. Entrevistador: Clébia Valêscia Gonçalves Soares. Cajazeiras, 2016. 2 arquivos .mp3 (10 min.).

Leis

TRIUNFO. Lei 415/2005, de 29 de agosto de 2005. Dispõe sobre a instituição do dia 17 de outubro como feriado municipal. **Prefeitura Municipal de Triunfo**. Triunfo, PB, 29 ago. 2005. P.1.

TRIUNFO. Lei 417/2005, de 03 de outubro de 2005. Dispõe sobre a institucionalização do Hino Oficial do Município. **Prefeitura Municipal de Triunfo**. Triunfo, PB, 03 out. 2005. P.1.

Revistas

REVISTA DO INSTITUTO ARCHEOLOGICO, HISTORICO E GEOGRAPHICO PERNAMBUCANO. Edição comemorativa do 1.º Centenário da Confederação do Equador. Recife, v. 26, n. 123-126, jan./dez., 1924.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. T. 40. a. XL. Fortaleza, 1926.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. Tomo especial, 1º Centenário da Confederação do Equador. Fortaleza, 1924.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO. T. 20, v. 33, pt. 2. Rio de Janeiro: IHGB, 1866. p. 36-200.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO. T. 29, v. 150. Rio de Janeiro: IHGB, 1924. p. 372-416.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO PARAIBANO. João Pessoa, 1909-1910.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO PARAIBANO. João Pessoa: IHGP, 1911-1912.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO PARAIBANO. João Pessoa: IHGP, 1937-1953.

REVISTA EDIÇÃO ESPECIAL DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA. Triunfo, Dez/2011.

REVISTA OBA!. Cajazeiras, a. 2, 2003

REVISTA TRIUNFO EM FOCO. Triunfo, a. 1, n. 1, Dez/2004.

REVISTA TRIUNFO EM FOCO. Triunfo, a. 2, n. 2, Jun/2005.

REVISTA TRIUNFO EM FOCO. Triunfo, a. 3, n. 3, Dez/2006.

Sites

IBGE Cidades. < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=251680>>

Prefeitura municipal de Triunfo-PB. <<http://www.triunfo.pb.gov.br/>>

Textos Acadêmicos. <<http://triunfohistoria.blogspot.com.br/>>

APÊNDICES

Apêndice I –Entrevista de Damísio Manguiera da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FICHA TÉCNICA

Entrevistado: Damísio Manguiera da Silva

Entrevistadora: Clébia Valêscia Gonçalves Soares

Local da entrevista: Triunfo - PB

Data da entrevista: 03/ 08/ 2016

MP3: 03 faixas

Duração: 39 minutos

Entrevista realizada para obtenção de fonte de pesquisa do trabalho “GLORIOSA MEMÓRIA DE QUEM TRIUNFOU”: FESTEJOS E NARRATIVAS MONUMENTAIS DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR NO SERTÃO DA PARAÍBA (TRIUNFO, 2004 A 2015)” desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Campina Grande.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Fale um pouco da sua formação.

Sua relação com a área de História?

Como surgiu o interesse pela Confederação do Equador?

Qual a relação sua com os confederados?

Quando a pesquisa teve início?

Durante a pesquisa quais foram os textos que você encontrou e utilizou como base? (Você visitou bibliotecas, acervos, museus?).

Em que momento a Confederação do Equador deixou de ser um interesse pessoal e passou a ter dimensões tão grandiosas?

Da pesquisa até o projeto final da Confederação do Equador quem eram as pessoas envolvidas?

Um projeto como esse requer parcerias, quais foram os parceiros responsáveis pelo resultado desse projeto? Quem te ajudou no processo?

Em que momento foi pensada a construção de cada símbolo da Confederação do Equador?

Como surgiu a ideia de um monumento?

Como surgiu a ideia de um feriado?

Como surgiu a ideia de uma festa cívica?

A seu ver qual a importância do monumento?

O que dizer de sua localização de realce do monumento?

Como o museu foi pensado? Houve assessoria de algum especialista em museologia?

Como e em que momento ele passa a ser catalogado pelo Ibram?

A origem de cada peça do museu?

Como surgiu a ideia de se colocar uma estátua de Frei Caneca?

Qual o sentido do feriado?

Como, em que momento e por quem foi pensado o projeto de lei?

O porquê da realização da festa cívica?

Qual o valor atribuído à festa cívica diante de todo o projeto da Confederação do Equador?

Como surgiu o hino do município?

Existindo a possibilidade de fazer uma cronologia de todo esse processo como você a faria?

O que muda na história de Triunfo após a descoberta desse fato?

O que você diz com relação aos questionamentos a não veracidade dos fatos?

O projeto em torno da Confederação do Equador é hoje dado como concluído e as pesquisas finalizadas?

Apêndice II – Entrevista de Deusdedit de Abreu Seixas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

FICHA TÉCNICA

Entrevistado: Deusdedit de Abreu Seixas

Entrevistadora: Clébia Valêscia Gonçalves Soares

Local da entrevista: Cajazeiras - PB

Data da entrevista: 13/ 08/ 2016

MP3: 02 faixas

Duração: 10 minutos e 21 segundos

Entrevista realizada para obtenção de fonte de pesquisa do trabalho “GLORIOSA MEMÓRIA DE QUEM TRIUNFOU”: FESTEJOS E NARRATIVAS MONUMENTAIS DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR NO SERTÃO DA PARAÍBA (TRIUNFO, 2004 A 2015)” desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Campina Grande.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Como é a sua história com as artes plásticas? (formação, atuação na região...)

Você poderia descrever a obra?

Quem encomendou a obra?

Como foi a escolha do seu nome?

Quando foi feita a encomenda e quando foi entregue?

Como você construiu o desenho?

Você conhecia a história da Confederação do Equador?

Quais referências iconográficas foram inspiração para o desenho?

Quando aconteceu a encomenda, houve alguma prescrição do que ela deveria conter?

Foram feitos muitos rascunhos até que se chegasse ao resultado final?

Você possui hoje algum rascunho da obra?

Você tinha conhecimento de todo o projeto em torno da Confederação do Equador?

ANEXOS

ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE TRIUNFO
CNPJ: 08.924.060/0001-02

LEI Nº 415/2005

**DISPÕE SOBRE A INSTITUIÇÃO DO DIA 17 DE OUTUBRO
COMO FERIADO MUNICIPAL.**

PREFEITO CONSTITUCIONAL DO MUNICÍPIO DE TRIUNFO,
ESTADO DA PARAÍBA.


FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE TRIUNFO-PB,
APROVOU E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

ART.1º) Fica instituído o dia 17 de outubro como feriado municipal em alusão a batalha do movimento denominado Confederação do Equador ocorrido em solo Triunfense em 17 de outubro de 1824.

ART.2º) Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

ART.3º) Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO CONSTITUCIONAL DO MUNICÍPIO DE TRIUNFO, ESTADO DA PARAÍBA, EM 29 DE AGOSTO DE 2005.



DAMÍSIO MANGUEIRA DA SILVA
PREFEITO MUNICIPAL



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE TRIUNFO
CNPJ: 08.924.060/0001-02

LEI Nº 417/2005

**Dispõe sobre a institucionalização do
Hino Oficial do Município.**

**PREFEITO CONSTITUCIONAL DO MUNICÍPIO DE TRIUNFO,
ESTADO DA PARAÍBA.
FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE TRIUNFO-PB, APROVOU
E EU SACIONO A SEGUINTE LEI:**


ART.1º) Fica instituída como hino oficial a letra e música do compositor João Gomes Torres.

ART.2º) A execução do referido hino passa a ser obrigatório em atos solenes dos poderes Executivo e Legislativo, eventos de caráter cívico e nas unidades educacionais do município.

ART.3º) Essa Lei entrará em vigor a partir da data de sua publicação.

ART.4º) Revogam-se as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE TRIUNFO, ESTADO DA PARAÍBA,
EM 03 DE OUTUBRO DE 2005.



DAMÍSIO MANGUEIRA DA SILVA
PREFEITO MUNICIPAL.

